

des personalidades, mas não, em regra,
 uns grandes safados — no que, creio eu,
 não fazem diferença ~~reunivel~~ dos colegas
 que julgam por esse País fora.

É agora o meu assunto.

O Alvaro Pinto parece que projecta
 uma edição dos Lusiadas para os soldados
 parbucqueses de continuação com o Flernani-
 bidade; e dirigiu consultas a varios ho-
 meus de letras e professores acerca do caso.
 Ora um dos homens de letras consultados
 fui eu, por indicação do dr. Rebelo Garcia,
 mas que tem cunho estas e outras atui-
 ções e deferencias não sei bem por que car-
 gas de agua.

Ora hoje respondi ao Alvaro Pinto nos
 seguintes termos:

«... Só agora, de regresso a Coimbra,
 depois de uns dias passado em Lisboa, vou
 responder á honrosa consulta que aqui
 vim encontrar e que muito e m.º agradeço.

« Não me julgo com autoridade para
 dar opinião acerca do assunto planejado pe-
 lo illustre Professor bidade por quem tenho
 a maior consideração. Parece, desde que
 V... recundado pelo não menos illustre Pro-
 fessor Rebelo Garcia, deseja saber o que
 eu penso a respeito de uma edição dos Lu-

siadas para os soldados de Portugal, vou dizê-lo com toda a franqueza e sincerid^{de}.

« Os meus 40 annos de serviço habilitam-me a afirmar que os soldados de Portugal, na percentagem de 90 a 95% não são capazes de compreender o poema camoneano lido nem uma elucidac^{ão} prévia escrita ou verbal. Distribuir simplesmente pelas mãos da soldadesca um exemplar dos Lusiadas tal como indica o plano que tenho em frente, quero crer q^{ue} não dá o resultado que U... imagina. A lei^{que} devia já se tornar difficil para os estudantes liceais que têm outra preparac^{ão} e são acompanhados por professores que os elucidam, para o soldado que é, em regra, inculto, tornar-se-lha quasi impossivel.

« Quer-me parecer que só uma edição mixto dos Lusiadas para as crianças de Dr. João de Barros e dos commentarios por Antonio Fergio para os estudantes, poderia dar qualquer resultado, nem mitologia nem theorias da magica do mundo, etc. etc. e apenas salientando os passos em q^{ue} são evocados os successos heroicos, mas mesmo assim com as explicações necessarias em linguagem chã, escrita nem qualquer especie de pretenc^{ão} litteraria. Esta m^ã officina pode parecer radical de mais

principalmente agora, que se procura exaltar o seu tempo mais medido o nosso mal do passado e presente e creio que até futuro; mas a m.^a experiência de 40 anos assim obriga — e não quero faltar á sinceridade de uma opinião solicitada tão amavelmente.

« Os Leviados para soldados, po' traduzidos para leitura e correntia, desfructuada de efeitos, de tempo quasi popular, que se puzesse pelos olhos de outro. Mas será isso possível? No fim de tudo, o que o soldado lêse seria, realmente, o poema camoneano? »

« Aqui tem V... um problema... »
 « Como resolve-lo? Parece-me difficil. O que é certo é que eu fico m.^{to} grato pela honra que me deu e lastimo não ter opiniões que favoreça a intenção de V... tão laudavel e meritória. »

« Creia-me, parem, etc. etc. »

Coimbra.

Fevereiro: 1.

Escrevi hoje ao excellentissimo João da Silva ao mesmo tempo que lhe mandei os volumes que possuo das honras e presenças a Antonio Augusto Gonçalves. Na carta fazia referencia ás quasi duas horas

passadas em casa dele, rapidamente,
 e á simpatia que me mereceu o artista
 requintado e o velho democrata de espiri-
 rito livre e resgado. Etc. etc. Bem, guardo
 essa carta muito bonita.

Responde-me a respeito da sua...
 do Crimina.
 Tevereiro: 4.

Cá vai mais um extracto de carta para
 o Pires Monteiro. Este amigo não me larga,
 tem uma vida regularizada perfeitamente
 e não acredita q. os outros vivam de ma-
 neira diferente, de modo que, volta e meia,
 cá vai epistola.

«... Conforme seu desejo (e quem tam-
 bém) quero mandá-lhe este mês o artigo
 prometido: O Exército em 1848. Estou traba-
 lhando nele com interesse. Haverá coisa de
 jeito? Duvido. Quando tenho, deante de
 mim, prazo certo, parece-me que o cere-
 llo não dá andamento á ideia com que es-
 crevo; ha qualquer coisa que impede e
 não deixa funcionar normalmente o me-
 canismo q. faz mover a mão...
 « Sugestão de qualquer especie? Os ra-
 tões que expliquem; cá por mim, procuro
 combater esse especie de apatia cerebral
 q. me ataca quando sinto limite no tempo

— e com os cuidados que o assunto merece não só pelo assunto em si como pelas conclusões que os nossos patrões possam tirar, vou enchendo as laudas, aos poucos, suavemente, com as cautelas necessárias para não escrever nas entrelinhas...

«Pede-me sugestões e conselhos. Pede-me comunicação para a sessão solene de Maio... Tanta coisa!...

«Quanto a conselhos, dizia D. Francisco com M.^o de Melo que quem pede conselhos já parece que deles não necessita. O meu Am.^o estará nesses casos, certamente; e, de mais a mais, que conselhos ou sugestões lhe poderei dar? Pensarei no assunto e desde já lhe digo que, no vert.^o, seria interessante dar certo relato ao centenário ⁽¹⁾ como base p.^a chamar a atenção para a necessidade da cultura no exercito mais ou menos nos termos do arbispo de Fontes no 1.^o numero da Revista, arbispo que ainda ha pouco ~~se~~ reli com certo gosto.

«Quanto á comunicação para a sessão solene: o assunto é ad libitum? E o tempo de duração, coisa de quinze minutos?

«Enfim, com m.^o Soares lá irai e creio-me, etc.»

Bandarra ⁽¹⁾ da Revista Militar.

circunstâncias. Coimbra. 20 de Fevereiro : 5
 Há agora aí um caso curioso em que
 está envolvido o illustre Madail e a que o
 Ernesto Donato, em artigo de fundo do seu
Despertar se refere com certos parmenares.
 Parece que o dr. Madail foi incautidenu-
 te com um professor espanhol a respeito
 de seus manuscritos do celebre dr. Franc.
 Suarez, granadino, publicados apara pelos
 professores Mario Brandão e Lopes de Al-
 meida.

Nesse artigo o Donato tem este passo q.
 vale a pena transcrever: « Sugeriu desen-
 "lhar-se então no Arquivo da Universidade a
 "existencia dos celebres codices? Foi o sr. dr.
 "Tomás Madail — bem conhecido por dr. Ma-
 "dail — quem os descobriu ou os celebres
 "dois tomos dos Cosméticos já ali eram conhe-
 "cidos de ha muito e "encontravam-se pa-
 "rentes no gabinete do Director do Arquivo
 "como q. aguardando a opportuid. propicia
 "que os trouxesse ao conhecimento publico? »

E' claro que o Madail engole em seco
 e fica á espera de ocazião como fez a mula
 do Papa da historista de Alphonse Daudet.
 Não é homem para responder; isso pôde
 suscitar polémica e ele não gosta de ficar
 á vista do respeitavel publico.

Pela calada, sim. Nisso é que ele é exi-
puio e... doutor.

A meu namor.

Crimina

Fevereiro: 9.

Receti hoje noticias acerca do caso que
agora preocupa toda a gente: o da nota ofi-
ciosa do Santos Costa, documento extranho
e poderá dizer-se, notavel.

Diz a infernação, que é segura, que a
viuva do general José Garcia Marques Godi-
nho, não podendo calar a indignação pelo tra-
tamento que deram ao marido durante o
tempo em que esteve preso, tratamento de
que lhe resultou a morte, apresentou na
Policia de Investigação Criminal queixa con-
tra o cidadão Fernando dos Santos Costa que
exerce funções de ministro da Guerra « por
" homicidio voluntario na pessoa do seu ma-
" rido... etc. »

Isto, é claro, irritou os honras; a viu-
va foi presa e mandada para um recolhimen-
to religioso no Beato; considerou-se
a queixa especulação politica que foi simpli-
cada pelo requerimento apresentado por Al-
fredo Keil Carr. da Silva contra o mesmo
ministro apresentado á Assembleia Nacional.
Como nas duas queixas ha referencias a do

documentos confidentiais, a policia tem procurado apauha - los não só ao tal Carvalho da 3.ª como á familia Godinho. Parecem, pelo resultado.

Em 23 de Janeiro a viúva Godinho fez rezar uma missa de 30.º dia em S. Domingos de Lisboa. Compareceu acompanhada por um inspector da policia politica.

Diz mais a informação que o Godinho não morreu na Trafaria, numa cela da casa de reclusão porque o Governador Militar, o Pereira Coutinho, interveiu e foi pessoalmente buscá-lo e leva-lo com todos os cuidados para o Hospital da Estrela; e que, na verdade a morte foi causada pelas varias transferencias a que o sujeitaram estando já gravemente doente e ainda á falta de vigilancia no Hospital onde se viu a morrer.

Adrescenta a informação (que é dada por pessoas que juram de perto com a familia Godinho) que o Santos Costa estava em Lisboa quando foi a transferencia e fingiu que ignorava o que se passava.

Etc. etc. Para que estar a exarar mais misérias? Tudo isto é terriveloso!

E quando um dia houver liberd. para se cuidar como a conspiração foi medida e onde ela começou...

Coimbra: 14 de Fevereiro: 14. - reunião da
 comissão de comemoração do centenário de António Augusto Gonçalves.
 Segue a acta:

« Aos 14 dias do mês... etc. reuniram-se na sala das sessões da Associação dos Artistas de Coimbra pelas 18 h. os seguintes vogais: Abto. Viana de Leiros, Laurenceo Chaves Almeida, João Machado, dr. Gernardino da Costa Lobo, dr. Ant.º da Costa Rodrigues e Belisario Piunento. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O vogal B. P. deu conta do que se passou em 7 de Julho do ano p.p. com os jornalistas convocados, dos quais só compareceram seis a quem informou dos intentos da comissão. O mesmo vogal contou a seguir que em Lisboa procurára o dr. João Couto a quem expoz toda a nossa intenção e do qual recebeu afirmações de incentivo e apoio; que procurára também o prof.º Reinaldo dos Santos de quem solicitou colaboração o que foi aceite, segundo pareceu, com certo desvanecimento e ficando mais ou menos estabelecido que essa colaboração fosse das principais; e ainda que procurou o escultor João da Silva de quem desejava ser informado sobre

a possibilidade de uma medalha comemora-
tiva que infelizmente não poderá ser feita
no prazo desejado. O mesmo vogal leu-
touse a necessidade de se saber o que poderá
pensar o sr. Governador Civil acerca dos
nossos projetos, assim como também
leutouse que seria igualmente bom saber se
o sr. Reitor da Universidade e o Senado já te-
riam resolvido alguma coisa; para falar
com o primeiro foram convidados os sr.
dr. Costa Rodrigues, Alvaro de Lemos e Pat.
Nogueira Gonçalves; para com o segundo
foi solicitado o sr. dr. Costa Lobo que poderia
também procurar o director da faculdade de
Ciencias. Depois de varia troca de impres-
sões, resolveu-se sobre a medalha não de-
sistir de a mandar fazer e leutouse-se que
a sua encomenda fosse entregue a qualquer das
empresas que se dedicam a essa especie co-
mercial, e que seria conveniente saber-
se por pessoa entendida e de confiança qual
será a melhor empresa a que se podesse
entregar o assunto. O sr. dr. Costa Rodrigues
leutouse que no Porto poderia encarregar-
se de uma conferencia o sr. Nicolau de Fen-
seca, director da Filial do Banco de Portugal
naquelle cidade, o que foi aceite. E não ha-
vendo mais nada p. tratar, etc. »

no momento em que se tratava de

As coisas parece não correrem muito mal. Vamos a ver se a Universidade se resolve a aceitar o convite. Isso seria uma vitória!... e uma desforra. O Superior de Leões, governador civil, bem manejado pelo primo Álvaro Viana de Leões, deve concordar; e então cairiamos sobre o presidente da Câmara, o dr. Alberto de Sá Oliveira que é possível seja o mais terrível.

Vamos a ver.

Coimbra.

Fevereiro: 22.

Veio hoje aqui, a m.^a casa, o dr. Gumerindo da Costa Lobo dizer-me que, conforme o combinado na sessão de 14 último, fôra falar ao reitor universitário e este lhe dissera que o Senado aprovara a colaboração da Universidade no centenário do Ant.^o Augusto Gonçalves e que ficara pendente um entendimento com a comissão para se resolver a maneira como colaborar.

Fiquei satisfeito com a notícia se bem que algum tanto admirado. Duvidei sempre da aprovação do Senado, mas antes assim. Galgou-se o primeiro destacamento. Simais do tempo?

Seria a influencia do reitor e do Peres na dia que querera ser agradecido au

finjeir que são agradáveis á opinião libe-
ral? Seja o que fôr. Antes assim.

Coimbra

Fevereiro: 24

Houera ao mérito e ao caracter!

Tornou ontem posse de director da Bi-
blioteca Municipal do Porto o muito ilustre
licenciado Antonio Cruz — o Cruz Al-
dratão dos tempos de Coimbra.

A cerimonia deu-se num ambiente
de certa solemnidade, com m.^{os} amigos e
admiradores, etc. etc. a que não faltou o
dr. Damiao Peres, ido de Lisboa expressa-
mente.

Houera, pois, ao Merito e muito mais
ao Caracter!

Ora... Bolas!

Coimbra

Fevereiro: 26.

Mais uma carta p.^a o D.ires Monteiro.
Ficam apenas uns extractos:

«... O arbispo, pelo que me diz já es-
tá nas mãos suas das typografos. (1) Descul-
pe-me - lo assim, sem qualquer mais

(1) O Exercito em 1848, p.^a a Revista.

siva a acompanhar; mas naqueles dias não me sentia com disposição p.^a escrever e talvez porque meditasse bastante acerca do centenário da Revolução de 48 que nesse dia começava a passar, eu não fui capaz de traçar umas linhas de comentário, como pensava anteriormente. Ao copiar o artigo, os honores de 48 vieram ao pensamento; e possivelmente o contraste com a época que atravessamos, amanchou-me o suficiente para me tornar apático.

« A 22 do corrente, um século depois do começo do generoso movimento, não sentindo vontade de escrever e apenas desejo de reler alguns livros de recordações da vida académica de outros tempos, como derivativo p.^a o meu estado de espírito, resolvi mandar o artigo p.^a não complicar mais a organização do número da Revista. E o artigo foi mas não como desejava que fosse.

« Não sei por que tantas vezes que a comemoração centenária seria feita em 1949 como aconteceu com a celebração do 80.^o ano que se fez no volume 81.^o Estava pois, descauço quanto ao artigo que eu faria vagarosamente durante o ano corrente mais com forma erudita que

literaria, cheio de dados concretos e não recheado de frases mais ou menos sonoras. As conversas que tivemos em Novembro passado e no ult.º Janeiro volveram-me e tive de largar vós á imaginação para preencher as 12 a 15 paginas necessarias. Iria bem? Iria mal? Não ia, parece, como sempre. E pensei já ha muitos annos. O Supremo Architecto lhe ponha a virtude!

« Desculpe o tom de mau humor que resceide do que aí fica. Mas a m.ª vida é assim mesquinha: um pouco acalear de palavras tocados que me vejo obrigado a descurar e me vão esvaziando aos poucos. E como não tive o cuidado de Mitridates em me perseverar contra o veneno, cá vou ajudando a combater o dito Supremo Architecto e' perdido.

« Desejo-lhe a melhor saúde, etc. »

Coimbra?

Marco: 3

Hoje, mais sobre reunião da comissão do centenario de Ant.º Augusto Gonalves. Eis a acta, pouco mais ou menos:

« Dos 3 dias ... etc. na sala de direcção da Associação dos Artistas de Coim.ª reuni

ram - se pelas 17 horas e 30 m. Todos os
 vogais da comissão. Foi aprovada a acta
 da sessão anterior. O sr. Alvaro de Lemos
 expoz o seu parecer acerca da medalha co-
 memorativa como docem.^{to} interessante
 para se perpetuar a memoria do Mestre;
 B. P. informou de que ainda não recebeu
 resposta do engen.^o Cavurem a quem
 pediu informações a respeito da casa que
 se poderia encarregar da factura da meda-
 lha. O sr. dr. Costa Lobo expoz a conversa
 que dias antes tivera com o sr. Reitor da
 Universidade o qual informara de que o Re-
 mado aprovára a colaboração universita-
 ria no centenário e de que desejava sa-
 ber o programma da comemoração; foram
 nomeados para se avistarem com aque-
 le senhor os vogais dr. Costa Lobo e B. P.
 O sr. B.^o Nogueira Gonçalves expoz o que se
 passou com o sr. Governador Civil que deu
 a sua adesão e se ofereceu p.^a colaborar no
 que fosse possível. O vogal B. P. lembrou
 a necessid.^e de se procurar o sr. Presiden-
 te da Camara p.^a lhe expôr o que ha feito
 e solicitar a colaboração; foram escolhidos
 para se avistarem com esta autoridade
 os vogais B. P. e João Machado J.^o. O sr.
 Alvaro Viana de Lemos lembrou a vanta-
 gem de se saber o que pensaria o Director

da Escola Industrial de Brotões e propoz que dois rapazes o procurassem para esse fim; foram escolhidos os rapazes João Machado J.^o e B. P. O sr. Alvaro de Lemos ainda lembrou que se officiasse para a Escola Industrial de Antonio Dep.^o General de Evora, expondo as nossas condições e ponderando o possível interesse da mesma na colaboração. Foi abordado, de novo, a nauapeu de se solicitar da Emisora Nacional uma ou outra noticia relativa aos nossos trabalhos. E foi resolvido promover duas conferencias em Lisboa, na occasião do centenario pela senhora do. na Voz de Lima e dr. João Couto, na sala de conferencias do Museu do Arte Antiga; assim como no Porto, no Museu de Soares dos Reis e outras duas, ficando o sr. Alvaro de Lemos encarregado de ponderar o sr. Alberto Meira acerca da possibilidade dessa colaboração. E não havendo mais nada, etc. etc. »

Coimbra

Fui hoje, com o dr. Quersendo da Costa Roberto, á Universidade, falar ao Reitor. A missão era agradecer os bons officios no caso do centenario do Gouçalves e pa-

ler dele qualquer coisa de concreto. O dr. Maximino Correia recebeu afavelmente e deu quasi a certeza duma sessão na sala dos capelos com que abriria a comemoração centenária.

Nunca imaginei tal apressadura! Mas enfim... que rapidez! Antonio Augusto Gaiçalves festejado na sala dos capelos!

— E viva a Folia!... como ele diria se podesse dizer alguma coisa.

Coimbra.

Março: 12.

Fui hoje com o Laurenceo de Almeida à Câmara Mun.^{al} falar com o seu presid.^{te} o dr. Alberto Sá de Oliveira, acerca do centenário, conferiu o combinado.

Ele ouviu, concentrado, a minha exposição feita com a possível diplomacia; nós desconfiávamos dele por conta do Madrid que nos garantia a sua recusa e daí a forma amável e diplomática como lhe expuz a razão da nossa visita.

Quando acabei, ele, com certo espanto nosso, disse que ao ler a notícia dada no jornal, nos jornais, pensára que a Câmara não poderia, em boa razão, ficar indifereente perante tal projecto, mas esperou

o desenvolver do plano ou qualquer comunicação nossa; e como essa comunicação chegava a para, ele respondia que a Câmara estava á nossa disposição, que disséssemos nós o que queríamos para eles executarem.

1534
 Eu então, falei logo numa reunião em que fosse conferente o dr. Manuel Monteiro e presidida por ele, Sá e Oliveira. Pareceu gostar da ideia e ficou resolvido que tratássemos nós de tudo e lhe dissessem o que queríamos — e isto dizia ele ~~com~~ extremamente com episódios varios das suas relações com Ant.º Augusto Gonçalves que sempre admirou e de quem tem as melhores recordações, etc. etc. Um éxito.

À saída, ao descer a escadaria, eu e o Laurencço olhámos um para o outro e fizémos a mesma ideia:

— O marçõ do Madail!...

Ficámos satisfeitos. A Câmara fez o que devia e o Madail ficou um pouco mais conhecido.

Coimbra

Março: 13

Terminei hoje, finalmente, o meu trabalho sobre As ideias militares do marechal

Saldanha que ha cerca de quarenta annos
me ajudava na redacção.

Uff!... Já pensava em o abandonar
e deixar uma obra afinal inyteria. Mas
lá foi. Falta a revisão geral e certos par-
ticulars rectificadros.

Mas acabou-se. Lá ficou.

Empreguei, desde 21 de Setembro de
1843 até hoje, 328 dias com 599 horas de
trabalho. O trabalho, p.^o periodo tão gran-
de, foi como se não fosse. Em 4 annos e
tal não cheguei a presenciar um anno só.
E quanto a horas de trabalho presenche-
riam 25 dias incompletos se trabalhasse
continuamente.

E se se fizer a media de horas de tra-
balho dá 1 h. e 48 minutos por cada dia
— o que é pouco.

Quero dizer: o meu trabalho rende
já pouco. Duas horas incompletas por
dia não é esforço de Hercules.

É a decadencia...

E se se fizer o computo das laudas
em que a obra ficou escrita e que são
658, conclui-se que cada lauda levou,
conta redonda, 1 hora e 10 m. a escrever
— o que é tambem pouco.

Conclusão: é a decadencia, sem du-
vida, que cheya.

Dras estes cálculos referem-se, apenas, ao acto de escrever a obra. Não estão neles incluídos o trabalho da investigação e da recolha de elementos; esse trabalho que já nem de há cerca de 40 anos não é fácil de reduzir a horas e foi verdadeiramente muito grande principalmente nos últimos ~~anos~~ tempos. Quando comecei com isto não pensei em fixar a duração minuciosa do esforço.

Mas adiante. O monumento ao Saldanha está completo. Falta-lhe a impressão, composição, revisão — e a transformação em livro.

E mais nada...

Coimbra

Março : 16

Carta que hoje escrevi ao Dr. Manuel Monteiro assinada, também, pelo Lourenço Chaves Almeida:

«... V... já sabe que um grupo de amigos do velho professor Ant.º Augusto Gonçalves (a que nós pertencemos) pretendem celebrar, o mais convenientemente possível, o centenário do seu nascimento, no próximo mês de Dezembro. O nome de V... foi um dos que primeiro acedi-

ram ao nosso espirito — pois pensamos
que não se faria comemoração condigna
sem q. v... pela podesse colaborar.

« Por isso tornámos a libert. de hoje
nos dirigirmos a v... »

« Seria ~~o~~ p.º nos uma grande honra
que v... aceitasse o fazer em Coimbra, uma
conferencia acerca do Mestre Ant.º Augusto
Gonçalves e assim a celebração centenaria
deixaria, com essa conferencia, uma das mais
elevadas concretizações.

« A Universidade conta fazer sessões po-
lêmic na sala dos cafetos; a Câmara Muni-
cipal concorre com outras sessões nas que
nos polêmic ainda a conferencia de v... de-
ria o seu lugar proprio. Seriam os dois
actos culminantes da comemoração pro-
jectada a que se seguiriam outras confe-
rencias e palestras, bem como exposições
de trabalhos do Mestre, da sua bibliogra-
fia, etc.

« Aqui fica expresso o nosso empenho
com os maiores votos ~~com~~ pela accitação
de v... que, reprobamos, nos dá muita
honra e satisfação. E com a mais au-
têntica consideração, etc. etc. »

O dr. Manuel Monteiro ainda deante
e defende-se recuando das viagens que o

olripau a alterar os hábitos caseiros que
 ha muito adopta. E' possível que se esen-
 re e se se escusar faz-nos falta.

Vamos a ver.

Coinhbra, Março: 18

O coronel Ernesto Gonçalves Arnano, meu contemporâneo na Escola do Exército e assiduo leitor de tudo quanto escrevo que, segundo ele diz, muito aprecia, mandou-me um caloroso cartão de felicitações a propósito do juénio Almirante Osorio com que fui premiado.

E' claro que lhe agradei sinceramente e como a carta tem o seu parrête curioso si fica para modelo de epistola bem lu-
 morada...

«... O júri que anualmente reú-
 ne para escolher o artigo da Revista Mi-
 litar que mereça o juénio instituído pelo
 almirante Osorio, deu-lhe para embir-
 nar este ano comigo. Tenho escrito muí-
 tos artigos na Revista, methes au jói-
 nes, de ha uns 30 annos para cá, sem
 que os successivos júris dessem pelo va-
 lor ou devalor dos meus. Mas este
 anno, nos começos de Janeiro, o júri

embirrou... Ueu zolere diabo de arto, feito por desfaço, com devaneios acerca de ciencia militar, de ciencia social, ciencia filosofica e outras coisas superfrieiramente profundas como diria o Couseheiro Acácio, deu no gôto ao grupo de officiais que tomou a seu cargo a missão ingrata.

«Esses officiais (aos quais fiquei muito grato) quizeram por avancos e não estiveram com ruins medidas... Zás!... atiraram-me com o prémio q. foi quasi um prémio de consolação. E aqui tem: foi preciso chegar a velho e inutil para receber a corôa de louros presentada nesta epoca de utilitarismo por umas centenas de escudos...

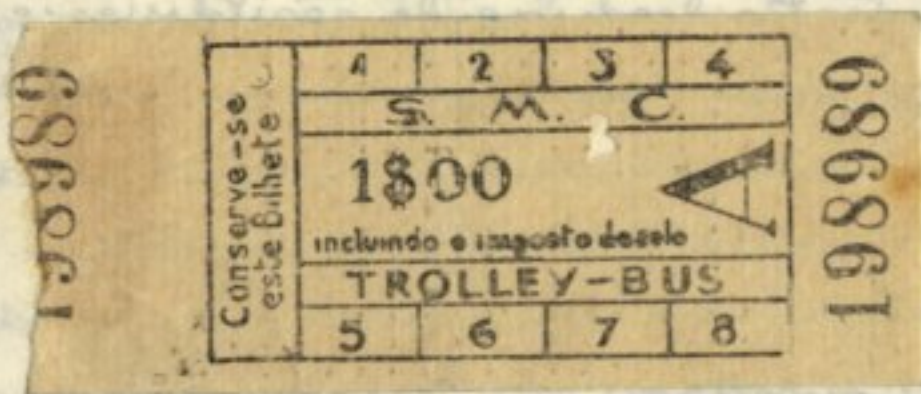
«E alguns amigos que se regozijaram com a noticia que a Tuba da Fama tem o cuidado de espalhar, tiveram a ama vel ideia de me felicitar — o que, para mim foi superior á concessão dos laureis. O prémio deixou-me indiferente; estou velho para me sensibilizar com tais coisas; o mesmo não acontece com a lembrança das felicitações porque estas vêm dar a certeza de que ainda sou lembrado e ainda há quem se interesse pelos meus triumfos, afinal seu

importancia. Muito e muito olivado, meu caro Car.^{al} por se não esquecer. Teria que apreciari o seu cartao, etc. »

Coimbra.

Abril: 1

Pela primeira vez encontrei hoje no carro automatico da carreira de Santa Clara a que chamam, por falta de quem saiba, na Camara, um pouco de portuguez — o



trolley-bus. Fui ao alto de Santa Clara e voltei.

E' comodo, silencioso e rapido. De facto, sera este o meio de locomocao que virá substituir nas cidades o electrico?

E'-me indifferente o assunto. Fica para recordacao o bilhete que, de mais a mais e' quasi capriciosa.

Coimbra

Abril: 2

Pela primeira vez fui hoje ao Portugal dos Pequenitos que agora se chama, mais pomposamente, Imperio Portuguez dos Pequenitos. Curioso, case muito

gosto, principalmente nos arranjos dos jardins e sua combinação com os edificios miniaturas.

Mas... quepentei aos meus botões para que serve todo aquelle aparato? Os milhares de contos ali gastos não poderiam ter melhor applicação?

Enfim, aquillo é obra do Bissaia Barreto e elle lá sabe o que faz — e sempre vai tirando rendimento. Dizem-me que diariamente ha desenas de visitantes; e a 4 escudos cada, sempre dá conta de certa ordem.

Enfim, refiro, elle lá sabe o que faz.

Coimbra.

Abril: 3

O dr. Manuel Monteiro respondeu á carta de 16 de Março ult^o. Desculpava-me com a doença, e com a constante incerteza de poder abandonar a casa. Sua conclusão: é uma recusa amavel rebeu que parece fundamentada. É pena. A presença dele dava grande prestigio a qualquer passo da governação. Paciencia. Que se ha de fazer?

Estou convencido de que não nos empauzaria. É refiro: é pena que não possa vir.

E agora outro assunto: trata-se da proxima sessão da Revista Militar em que devo comparecer p.^o receber o premio do Almirante Osorio. A esse respeito escrevi ao Pires Monteiro uma carta de que fica o seguinte extracto:

«... a minha allocução para o dia 12 de Maio está na tarja: tratarei da cultura geral necessaria aos quadros e da des- preoccupação actual dos valores espirituais. Mas... antes de entrar nesse campo agradeo a v. senhoria os salvarnalegues...

« Nunca fei muito de sumbaias e cada vez me sinto mais refractario a tais manifestações. Ao passar a vista pelos numeroes da Revista que reproduziam as sessões semelhantes, fiquei aturdido com tanta prodigalidade de cortesia. Puz-me a pensar se seria capaz de tal surpresa... Reportei-me aos tempos de estudante universitario em que se saudava a torto e a direito em latim, para a frente, para os lados e até para a divindade — cujo representante era eu, na Alma mater comemorativa a Conceição Imaculada.

« O latim desapareceu mas ficaram as reverencias. Ora terá eu capacidade para tanto?

1541

para tanto? Quando aceitei, e muito trau-
rado, o escripto p.^o fazer a discursata, não
me lembrei da circumstancia especial de q.
essa dita discursata começa por frases de
cortezania que descaubam, em alguns ca-
sos, para a subseruicencia politica e em
outros para elogio ampliativo. Ora uma e
outra coisa são, para este jobee diabo, um
bicho de sete cabeças...

« De modo que me vejo em certos em-
baraços para levar a bom termo a allocu-
ção que, de mais a mais, o officio ontem
recebido do nosso general Teixeira Botelho
(que muito considero e respeito) me fez nova-
mente lembrar com a delicadeza que to-
dos lhe conhecem.

« Eu não quero faltar ao prometido
nem deixar de corresponder á honra con-
ferida; mas não quero tambem desfazer-
me em leuvaras e em curvaturas, tanto
mais que a presença do general Carmona
complica bastante as minhas tentativas de
simplicid.^o do exordio.

« Na sua carta fala-me em agradeci-
mento generico; mas eu tenho receio
de que esse agradecimento me saia de-
masiado seco, limitado demais, sem as
periphrases costumadas e no final fique a
impressão da minha incoferencia de fe-

raute tais cerimoniaes. Conclusão: não
 o quero passar com catarricos; vou fa-
 zer o exordio como jeuso e mandá-lo-
 si para que o leia e diga, em consciencia,
 se não destoia das tradições. Farei o possi-
 vel por escrever com linhas rectas sem
 que estas possam ferir susceptibilidades.
 E vamos a ver se consigo o desideratum.
 « E sem mais, etc. »

Coimbra.

Abril: 6.

Escrevi hoje uma carta ao velho ami-
 go Luis da Silva Ribeiro, actualmente in-
 valido, recolhido em casa, e dedicado ape-
 nas com os seus livros e os seus trabalhos
 de etnografia açoreana.

Foi uma carta triste, lembrando os
 outros tempos que, dizia eu, « não sei
 se mecherás de frias, mas em todo o
 caso causadas de saudades. »

Carta de velho para velho.

Coimbra.

Abril: 10.

Ara hoje registó aqui uma carta para
 a minha netá Ana Maria. A Mãe não
 deu dizer que no Quadro de Honra da
École Française se de elle é aluno, o

seu nome appareceu inscrito como prêmio pelo exemplar comportamento. Lembra-me de lhe escrever, comentando a legrem^{te} a novidade — pois exemplar comportamento numa audialhada é caso para espanto e alguma ironia. Eis a carta:

« M.^a querida Netá:
 « Não há dúvida de que o Mundo anda cheio de novidades surpreendentes: um dia é isto, outro dia é aquilo e, cada vez mais, os espiritos mergulham em confissões. Mandou tua Mãe dizer que o teu nome estava em Quadro de Honra pelo exemplar comportamento q. suas linhas na École.

« Essa nova não rebentou precisamente como bomba atômica — mas a verdade é que não deixou de rebentar... Impressionou, evidentemente, devida de teu comportamento exemplar; a dúvida levantada tinha de ele só para ser reconhecido e publicado e daí o espanto que alastrou pelo pacato bairro da rua de Venancio Rodrigues.

« Pois só para, depois de quasi tres annos de coarvescencia, depois de todas as blaudicias carinhosas ao realzado do Franklin, etc. etc. — é que esse corpo de

professores reconheceu a capacidade para o comportamento equilibrado? (1)

« Ora aí tens. Não admira que o Mundo ande cheio de confusões: a Justiça nunca vem a tempo e horas; e quando chega é isto: toda a gente abre a boca e diz: «póde lá ser!...»

«Pois póde ser e póde muito bem. Os meus parabéns pela Justiça tardia. Lá o quiló e meio a mais no peso não admira; o pecado da Saudade tem esses efeitos terapêuticos; o que admirou foi o fraco senso pedagógico do quadro docente da escola que levou quasi tres annos para descobrir uma verdade...»

«Muitos parabéns e m.^{ts} beijos, etc. etc.»

Os avós veem destas coisas... São, já seem, desculpaveis.

Coimbra. 20. de Abril: 20.

Nova reunião da comissão do Centenario de A. A. Gonçalves. Apesar de certas contrariedades, as coisas lá não

(1) Franklin era um condiscipulo irregular e quasi indisciplinado.

caminhando confiante e possível caminhar. A quadra que atravessarmos não é favorável.

Segue o barrão da acta:

« Aos 20 dias ... etc. Na sala das sessões da Associação dos Artistas de Coimbra reuniram-se os vogais Álvaro V. de Lemos, dr. Costa Lobo, João Machado J.^o, Laurencio Chaves Almeida e Belis. Pimental. Lida e aprovada a acta da sessão anterior. O vogal B. P. contou o que se passou em 8 do corrente quando, com o sr. dr. Costa Lobo procuraram o sr. reitor da Universidade; este sr. informou de que o Senado Universitário aprovára a colaboração e resolveu fazer uma sessão solene e ele reitor ofereceu uma das salas da Biblioteca para a exposição bibliográfica e iconográfica; o mesmo sr. ficou de estudar o nosso programma e depois informaria das resoluções tomadas. B. P. contou ainda o que se passou com o sr. Presidente da Câmara em 12 do corrente quando, com o vogal Laurencio Chaves Almeida o procurou; o sr. dr. Sá e Oliveira, de joia de acudir a exposição que se lhe fez prometter todo o auxilio, disse que a Câmara tinha obrigação de não esquecer

a celebração do centenário e pediu para nós lhe dizermos o que desejávamos q. se fizesse. Foi-lhe referida a realização de uma sessão solene que de seu principio aprovou ficando nós encarregados de a organizar. B.P. e Chaves Almeida receberam cartas do dr. Manuel Monteiro em que se excusa de tomar parte nas comemorações por motivo de doença que, especialmente no inverno o impede de sair de casa. Perante esta excusa, trocaram-se impressões acerca de quem o poderia substituir na sessão da Câmara e o sr. dr. Costa Lobo ficou de saber do sr. reitor como poderia ser organizada a sessão solene na Universidade para ver se se poderia convidar o dr. Rainaldo dos Santos para a da Câmara. B.P. leu a carta do superheitor Paul Courcier acerca da medalha comemorativa; e ficou encarregado de, na prox. ida a Lisboa, falar com a casa Molder & C.^a que é indiana para tomar conta da obra. Laurenceo Chaves Almeida lembrou que seria conveniente saber o que ha acerca dos trabalhos do sr. Rocha Madail p.^a a exposição de que se encarregou; parecia-lhe que este sr. não confiava muito no éxito dos nossos esforços e estava com poucos ~~esforços~~

retrahido. N. S. encarregou-se de o proseguir assim como de, na prox.^a ida a Lisboa, visitar o dr. João Couto a quem exporá o q. se tem feito. Tratou-se ainda da impressão dos folhetos de M.^e Gonçalves relativos á defesa dos monumentos e ainda á do volume que conterá todos os discursos e conferencias que se fizeram durante a celebração centenaria; o sr. dr. Costa Lobo encarregou-se de abordar o sr. Prof.^{or} Pereira Dias a quem solicitará o seu realim.^{to} perante a Junta de Educação Nacional para se conseguir a quantia necessaria. E não havendo mais nada, etc. etc. »

« Conseguir-se-á alguma coisa? as coisas não são real encaminhadas, mas os obstáculos são enormes e o ambiente actual não é nada favoravel á comemoração do centenario dum anti-clerical, dum ateu, dum neto republicano intransigente. »

Ver-se-a.

Coimbra.

Abril: 22

Nova carta ao Dires Monteiro — e esta vale a pena ficar arquivada como documento. O Dires Monteiro é levado da brei

ca para cerimoniais e preoccupa-se muito com as formulas. Leia-se e faça-se ideia de como eu encaro essas formulas e ceremonias:

«... Lá estou, para, a dar noticias reconfortado com os successos de ontem, indicativos de certo estado de beatitude do escol da nossa sociedade que, em vez de ir a Fabiana ou a Lourdes agradecer os innumerables beneficios da Providencia, vai apenas a S. Bento curvar-se perante um ho-
meu divinizado, embora seja de barro como qualquer outro — daquelle barro com que o Supremo Architecto, em dia de bom humor, se lembrou de fazer uma figura á sua imagem e semelhança...»⁽¹⁾

«Mas, enfim, vamos ao que importa. Recibi os distintivos⁽²⁾ e, conforme de-
preendi do seu cartão, quereria que eu desse solemnidade á entrega ao nosso co-
mum accipio Sahader dinto da Franca do
que lhe pertencia.

«Percebi... Deveria pedir a sala dos
capelos? Isso talvez melindrasse os de-
finitivos Sahader dinto da Franca do
que lhe pertencia.

(1) Sahader dinto da Franca do que lhe pertencia.

(2) Distintivo da Perista Militar.

Caros que vieram ao caso uma profanação. Al palas das sessões municipais? O palas do trono episcopal? Era coisa complicada...

« Resolvi mais modestamente convidar o nosso camarada a vir a minha casa, com a filha, e oferecer-lhes uma chasáda pacata e familiar. Convidei umas poucas amigas p.^a fazer numero e ter a iteração do publico.

« Ao cairam as primeiras gotas de chá nas chicaras antigas e que só servem em ocasiões solenes, fiz as rérias do estilo e coloquei na lapela do Franca o distintivo que realmente não é feio. Poderia para dar mais vigor e solenid.^e á investidura, aplicar-lhe as 3 franchadas tradicionais; mas eu dei a m.^a espada ao genro e não me ficaria bem virar da parede uma ra-
pière do rec.^o XVII toda enferrujada...

« Passou-se sem tal cerimonia que seria comouente; mas não me esqueci do ego confere tibi... que evocava grandezas medievais. Depois, com o chá a fumar nas chicaras « D. Maria I » o Pinto do Franca comeu um pastel de nata e eu umas torradinhas crepitantes que se variam qualquer asceta. Ao mesmo tempo, as senhoras viveram de suspen-

der o juizo acerca das modas ou as la-
mentações sobre creadas p.^a seguiram
a explicações do que era o distintivo, o va-
lor da comemoração centenaria, etc. etc.

« E aqui tem caso se passou o episo-
dio alegre, sem esquecer que o bom humor
muitas vezes encobre a satisfação inhi-
bida de quem se sente humilhado — caso
aconteceu com o Francez e comigo.

« E sem mais, etc. »

A entrega não foi bem assim, malta
a verdade. ~~Eu~~ Eu é que tive a sua dure-
za, por desfastio, ^{de} romantizar um acto
bem simples. Foi uma especie de reacção
contra a preocupação de formulas e
cartezias que o Sr. Monteiro deseja sem
pre imprimir em qualquer cerimonia por
mais banal que seja.

Coimbra.
Abril: 23.
Carta para m.^a Filha Maria Helena:

« ... Fui ontem ouvir a Faculdade
de Letras o Jules Romains. Eu estava,
desde a manhã, com formidáveis dores
de cabeça; mas o meu desejo de ver e
ouvir o homem, foi superior e lá fui

embora em más condições para prestar a atenção merecida.

1547 « A sua aparência, de entrada, é a do burguês nuovo real instalado na vida; com o ar de creatura habituada a andar entre surtidas de admiradores e de maior numero de prolas; mas dando, ao mesmo tempo, a impressão de haverem muito bem educado, com conhecimentos das varias jeias e formularios impostos pelos variados Felix Pereiras que ha no mundo.

« A palestra não versa a posição do homem moderno que se gostaria de seguir; falou, com m.^a clareza, acerca do papel social da literatura, das tentações de gloria e das prescufações dos juizes da posteridade que influem em certos escritores, da diferença entre o criterio applicado á historia politica e social e o que é applicado á historia literaria ou artistica, etc. etc. e mais outros pontos consideraveis como diria o Eça. Muito interessante a forma de expôr, simples, com ar de ligeireza, como de quem tratava de coisas banais.

« É certo que não deu profundidade a valores porque o auditorio, aparte a sua duzia de methotes contumazes ás conferencias e outra duzia de mestres

de capelo, era composto por alunos e alunas da Faculd. e por consequencia gente nova ainda pouco disposta a sondagens profundas; mas deus, durante aquella hora de verdadeira palestra, me panorama dos problemas actuais dos homens de pensamento.

«Gostei, se bem que as dadas de calção me prejudicaram a atenção com que de sejaria estar. Mas, enfim, fiquei com excelente impressão do homem e vou adquirir um ou outro trabalho dele pois nada posso da sua autoria.

«O Maurais é que se não dignou vir até esta Alma-Mater; vamos a ver se o Pagnol por cá aparece. Na 2.ª feira teremos o Quarteto Sclugano e na 3.ª feira o Merino Suim pelos Comediantes. Não estamos com muita orgia intelectual mas sempre somos lafejados algumas vezes pelas Musas.

«Adieu, etc.»

É a propósito destes homens notáveis estrangeiros que ultimamente nos visitam, principalmente franceses que o seu governo manda com fins de afirmação da sua alta cultura, vou deixar colado nestas paginas um recorte tirado

Escritores estrangeiros

A propósito da visita de escritores estrangeiros ao nosso país, escreve Ramada Curto no «Jornal de Notícias», de 21 do corrente, na sua secção semanal — «De Lisboa» :

« Vêm cá ver-nos os homens de talento europeus e as grandes esquadras atlânticas. E' lisonjeiro. Nós somos afáveis e amigos de conviver. No nosso eorção cabem todas as amizades e no nosso Tejo cabem todos os navios. E' claro que eu, homem do vulgo, não tenho acesso a tais personalidades.

Se quanto aos navios ainda os posso ver do Alto de Santa Catarina, nos viajantes illustres só lhes pouso a vista em cima quando eles se exibem em público, mediante um bilhete que compro. Falar-lhes, ouvir-lhes o som da voz, ver como eles são ao pé, não é naturalmente, comigo. E já notei que eles não gostam de aproximações com o vulgo. Notei isso com o Pagnol de quem traduzi uma peça ».

Muito curiosa esta observação acerca da visita de intelectualidades estrangeiras.

Muito curiosa esta observação acerca da visita de intelectualidades estrangeiras.

do jornal O
Despertar com
um passo
da cronica ha-
bitual do Ra-
mada Curto p.
o jornal de No-
ticias do Porto.
E' curioso o
passo escolhi-
do e tem certo
sabor irónico
que me parece
bastante justo.
Até fica por me
na curiosidade.

Coimbra

Abril: 24.

Os jornais Travessia, maior ou menor,
a noticia que aqui fica, dum recorte.

COIMBRA, 23. — O reitor e o corpo docente da Universidade de Coimbra, que no próximo dia 27 irão a Lisboa prestar homenagem ao sr. dr. Oliveira Salazar, serão portadores de uma mensagem em pergaminho, encerrada com o selo da Universidade e distintivos de prata das várias Faculdades.

A Universidade
ha-de sempre
ser a mesma
aluna-mãe...

Vamos a ver
quem vai. De-

certo irão quasi todos, pois a noticia não
apareceria nos jornais se não estives-

se assegurada grande maioria. E' dos li-
vros e da boa fidedignidade.

E agora... vamos a ver quem não
vai.

Coimbra. 22: Junho

Aleil: 26.

Disse-me hoje o dr. Joaquim de Car-
valho que lhe parecia que, dos professores
universitarios, só não iriam a Lisboa, as
beija-mão, uns quatro: ele, o dr. Anselmo
Ferreaz de Carvalho, o dr. Simões Ventura e o
dr. Leucio de Almeida.

Eu sei, porém, que se deve acrescentar
a estes quatro mais outros quatro: o
dr. Andrade e Teix. Pileiro, de Direito; o
Paulo Suiudela, de Letras e um rapaz re-
centemente admitido a concurso p.º a Fa-
culd. de Ciencias cujo nome me esque-
ceu.

Do todo oito. E' pouco. Mas sempre é
alguma coisa. E agora pergunto: e o dr.
Rebello Gonçalves que tanto fala? E o Sil-
vio Lima?

Esperemos. Mas não se esqueça
A Universidade. Gostou sempre destas far-
ças, porque, afinal, isto é toda uma farça.
Não porque a grande maioria não vá sin-
ceramente; lá isso, vai! mas a verdade

é que o acto não aparatoso nada representava. Todos sabem como essas homenagens se prepararam e se realizaram.

Coimbra.

Abril: 27.

Os professores universitários lá foram em grande massa e tão grande que até levaram ao rápido da manhã de hoje uma carruagem especial.

Como se tratava de capelos e barbas de varias côres e como iam em carruagem especial á laia de excursão, o respeitavel publico gracioso pôz logo o nome: Grupo folk-lórico dos Filhos de Minerva.

E está certo... Vamos a ver a manhã os discursos. Deverem ser comoventes...

Coimbra

Abril: 29

Depois da Universidade, o Exército e a Armada.

Ontem o Exército e a Armada, reunidos pelos seus majares-generais e mais official superior além dos quadros das unidades de listos foram cumprimentar o Patrião pelo 20º anniversario da sua posse como presidente do ministerio.

Devia ser coisa enternecedora.

O major-general do exercito, o Passos e Sousa, fez um discurso cheio de zum-baias do qual deixo uns recortes no fim do volume 7.^o não estar com trabalho de os colar aqui. ⁽¹⁾

Quando li dei com este Passos e Sousa, em Laxias, deu-me outra impressão. Chegara paiz-me a dizer coisas bonitas p.^o lustre das botas do Patrão.

Pode ser que seja influencia da verticalidade das alturas. Assim será.

No Primeiro de Janeiro de hoje vi uma entrevista do Lelo Partela com o Secretario Geral da Democracia Cristã da Italia, da qual notei uns periodos curiosos que merecem ser guardados p.^o memoria e que o autor accentua com certa realçao. Isto é: por esses periodos fica-se sabendo que a Igreja Catolica auxiliou o Nazismo... ⁽²⁾

Não admira. A Igreja « pelo seu caracter universal » reconhece sempre as « situações de facto... »

⁽¹⁾ A pag. 401.

⁽²⁾ A pag. 401.

Coimbra

Abril: 30

Hoje fui com o João Machado à Escola Industrial Brotero. O director recebeu-nos bem e concordou com a colaboração da nossa Escola no centenário de A. A. Gonçalves. Ficou de estudar com os colegas a maneira de colaborar e depois pedir juridicamente a necessaria autorização.

Pareceu-me que falava com sinceridade e afirmou que de tudo nos daria parte na devida occasião.

Esperarêmos confiados.

Coimbra

Maior: 5.

Dizem os jornais que o pessoal da Câmara a que se agrega o das Câmaras do distrito, vai prestar homenagem ao Francisco da Cunha Matos chefe da secretaria da de Coimbra.

Um país em que se fazem e toleram homenagens a homens deste jaez é, por muito que digam que não, um país que perdeu a noção da dignidade e em que, pelo menos, a cravadeira da moral ainda bastante em muito pelo estérco.

Mas que fazer?

Lisboa

Maio: 9

Estou em Lisboa por causa do celebre premio do almirante Osorio que devo receber depois de amanhã.

Ara hoje fui á exposiçao da Sociedade Nacional de Bellas Artes. Ao fundo do palao, em lugar de honra, o Galvão Triposo, o Ant.º Xaude e o Abel Manta. O resto... modernismo e ultra-modernismo. Não compreendi.

O que achei interessante foi que a miopia antiga, em dos velhos, tinha o lugar de honra numa exposiçao feita pelos novos.

Lisboa.

Maio: 10

Fui ao estudio do Costa Mota, Zolentino, ver o busto do Alvaro de Castro que vai para Laureuço Marques. A tarde, fui ao teatro S. Luis ouvir outro concerto do meu velho Quarteto Aluparo.

Na officina do escultor estive uns bons tres quartos de hora, conversando e invejando-lhe a vida de artista. No concerto, foram duas horas de maravilha. O aquedante do quarteto de Hayde provocou-me lagrimas.

Não sei se é sensibilidade próxima; o certo é que ~~ainda grande~~ com grande sensibilidade para a música.

Listras:

Mais: 11.

Sloje, grande pessoa na Revista Militar. Ambiente muito ruim. Estava em, é claro, os jardins; mas os dedicados estavam em maior numero.

Pareceu-me haver certo interesse pela Revista e uma reacção contra a atitude de do Santos Costa — que levou o parecer a ponto de reprimir a verba do ministro e a concessão das ordens do exercito. Os discursos officiais, em especial os dos generais Ferreira Passos e Costa Macedo tocaram discretamente no caso e em tom de quem reprovava toda e qualquer acção contra a vida do Revista.

É isto é curioso se se notar que qual quer dos dois generais é reverente e dedicado servidor da situação politica actual. Contudo, o despasso dos discursos foi elevado e affirmado.

Eu, quando me chepei a vez, lá impus a m.^a allocução, com voz clara, para que se entendesse bem. Cumprimos-
varam-me; mas desconfio de que os gene

raio de água mas gostariam muito. E
meada a ment^a que se diga que a alocução
mes era, mais ou menos, diripida.

O Carmona ouvia com atenção e ia
murchando a cabeça com ares aprovativos.
Pobre diabo! E daí... Sabes entender-se al-
guuma coisa.

O Ferreira Barros, no seu discurso, ao
aludir aos oficiais premiados, pôz-me
em primeiro lugar e classificou-me de
pensador, como caso á parte no exerci-
to. E o que tem graça é que o disse a pé-
rio; pelo menos pareceu.

Ao chegar a casa, m^a Filha, que assis-
tiu á sessão, disse-me, comovida que eu
deveria contar o dia como um dia feliz
assim como ela contou. Contada, ela po-
deria te-lo, mas eu pergunto é que teria um
dia feliz?

Homenagem? Acto de justiça? Prova
de apreço? Tudo isto depois de uma vida
de incanefreção e de pontafés?

A tarde, a Emissora Nacional, no seu
caso do dia, transmitiu alguns passos dos
discursos da sessão. Entre eles, lá veio o
do Ferreira Barros em que me classificava
de pensador... E isto, espalhado por to-
do esse mundo!

É haverá quem figure acreditado que
seu seu pensador?

Listas. Maio: 13

Ontem nas notas q. escrevi acerca
da pessoa da Revista Militar esqueci-me
de contar que, nos cumprimentos que re-
cebi, não figurou nenhum dos oficiais de
marinha. E estavam muitos.

Estes oficiais de marinha são, em
geral, criaturas rígidas, herméticas, e
continuam a ter pelo exercito de terra o mesmo
poderoso desprazo. Têm alguma ra-
zão de se atender aos honras; mas estão
fóra das realidades e se atender aos pen-
sões e á sua conexão cada vez mais in-
tima. Mas, no meu caso, se fui evoluído
do na má vontade dos honras.

Também me esqueceu de notar q. os
maiores proceres do exercito não se me
dirigiram, nemli gratia: o major-general,
o chefe do Est. maior general, o governa-
dor militar de listas, etc. Só os netos, já
na reserva, e que vieram dizer coisas mais
ou menos amáveis: os do galariu, não
se dirigiram.

Diário de Lisboa.

Maio: 18.

Flojo, reunião da direcção da Revista a que, pela prim.^a vez assisti. Fiz, por isso, os meus cumprim.^{tos} de saudação.

O vice-presidente, o almirante Botelho de Sáense referiu-se á rei.^a presença e fez o elogio da minha discursata na sessão de 11 do corrente e leu assim do artigo pelo qual fui premiado. Propoz que na acta ficasse qualquer sinal de regosijo, o que foi approvado com certas provas de estima.

O Pires Mont.^o, na estêira do almirante, leu os meus serviços em Coimbra e referiu-se á maneira « elevada » como fiz a entrega do emblema da Revista ao Salvedor Pinto da Trança, oferecendo um chá em rei.^a casa, etc. etc. — o que daria aos circumstantes ceras ideias chic, requintada, do meu procedimento.

Valeram todos muito dinheiro...

Nesta reunião houve conhecimento de que o illustre Sautó Costa, mandou circular p.^o os estabelecimentos fabris ou produtores do Minist.^o da Guerra que proibissem que annunciassem em revistas militares « incluindo a Revista Militar » conforme assinale em parêntesis, para não haver dúvidas acerca da intencão.

Este procedimento é simplesmente
rêles; suprime as receitas das publica-
ções militares, receitas de algumas cente-
nas de escudos e que fiziam muito ar-
ranjo.

É perfeita cavalgada, o illustre Pan-
tos Costa. É tudo porque encontrou resis-
tencia perante as suas prepotencias que,
como agora se sabe, não eram de vanta-
de do Estado - neither que parece se ter
alheado do assunto. O caso foi só, afinal,
prepotencia que deveria encubrir desipio
autolico de qualquer especie.

O piar é que as publicações militares
e a imprensa periodica civil, pensam
em promover honrarias á Revista
pelo seu contenario: aquellas, com a en-
traga dum escudete ou medalha com-
memorativa; esta com passão sobre a q.
deverá concorrer toda a imprensa portu-
guesa.

O Panotos Costa é natural que dê o
seu coice.

Lisboa.
Maio: 19.

Escrevi hoje a seguinte carta o mi.
illustre cidadão - jornalista Rocha Martins
da mi. sincera antipatia:

«... Só ontem passou aqui a meu
falou num artigo que V... publicou no Diá-
rio de Notícias de 16 do corrente indistulado
A carta de D. Carlos ha 57 annos e que se li com
a maior attenção. Ha nelle uma passagem
em que V... se refere a dois empregados do
paço: Licínio de Silva e seu irmão Ernesto
de Silva os quais diz terem « por sua com-
"prova" ascendencia, saupue real » do que
havie « certezas. »

« Ora dá-se o caso de eu ser casado com
a filha do grão-mestre, Licínio da S.^a e nunca
ter ouvido, nem por « murmurios » falar
de qualquer deslize de comportamento de
ascendentes daquelles dois funcionarios
palatinos; e como V... emprega os termos
« comprovada ascendencia » e « certezas »
tomo a libert.^{de} de me apelar p.^a a sua leal-
dade e solicitar-lhe qualquer informação
sobre as fontes em q.^{as} V... se fundou para
tal affirmação que envolve, como se com-
preende, certos melindres.

« É possível que os desforneamentos a que
V... se refere no final do artigo, saídos de
ambiente naturalmente cheio de invejas e
inbriças, tenham qualquer parcela de calu-
nia se não foram somente levianos. »

« Queira V... desculpar este mi.^o deliquen-
cia e acreditar etc. etc. »

O que o arcebispo dizia era que os dois mencionados funcionarios eram filhos do rei D. Fernando. Ouvi, parem, sempre dizer que, filho deste rei, era só Licínio Silva. O jornalista poderia ter dito que a melhor prova era a figura: tal qual a do rei.

Mas adiante. Espere-se resposta que, aliás, me não interessa por aí além.

Lisboa.

Mais: 23.

Escrevi hoje uma carta ao Paeta João de Barros, meu contemporaneo do liceu de Coimbra e com quem sempre mantive as melhores relações se bem que muito espaçadas.

«... Assisti ontem á sessão na Academia e quiz, no final, dar-lhe um abraço. Pareu, quasi toda a assistencia o rodeava e á sua famitia e eu não quiz ser importuno.

« Desde rapaz, gostei sempre muito de ler os livros de Teixeira de Gusmão; a sua prosa simples, clara e supletiva agradava-me especialmente na do Comedia do Campo. E se o escritor me era extremamente simpatico, não o era menos o homem que muito bem conheci de vista.

e cujo carácter e personalid. politica de alta correcção sempre apreciiei. Por tudo isto não deixaria de assistir á comemoração tanto mais q. ia servir para o meu Am.º e relemburar tempos remotos em que convivemos (há mais de meio século!) no túmulo de Coimbra e em que já o admirava pela vivacidade de prometedora intelligencia.

« Vim de lá satisfeito e, ao mesmo tempo triste — e a tristeza não era, de certo, senão de verificar que estamos velhos e que homens como Teixeira de Gusmão não teriam hoje grande auctoridade.

« Meu caro João de Barros: aceite um abraço do velho condiscipulo de há mais de meio século que o tem sempre acompanhado de longe mas é ainda o mesmo velho amigo, etc. »

Fui realmente á sessão comemorativa. O Julio Dantas faltou, por doença, o que tirou certo pitoresco ao acto. O Joaquim Mauro fez a oração principal que foi fraca como critica á obra do escritor; deu notas biographicas, contou um ou outro episodio e não deu indicações de ordem elevada acerca da obra. Muito retórico e preterencioso, como sempre. Gestos de alguma desconexão com o assunto, que devem

ser grito que lhe ficou dos tempos de João
de quando preparava uma vez ou outra.

O Joaquim Leitão, sempre o mesmo
asno, foi encarregado de ler o discurso do
Caetano Gonçalves que também adoeceu;
precedeu a leitura duma pequena allocu-
ção sua, lida, com voz sonora e ges-
to apropriado; mas a leitura do discurso
do outro foi feita em voz baixa e á pres-
sa... Era um frete desagradavel que cum-
pria, mas representou ao meu visinho
João uma deslealdade e uma falta de cor-
recção e de camaradagem.

Notei mais uma coisa que indigna-
mente me indignou: quer o ex-padre
Joaquim Mauro quer o idiota do João
Leitão fizeram o possível por desculpar
o republicanismo de Teixeira de Souza;
deram varias voltas e reviravoltas á vi-
da do romancista p.^a explicarem os prin-
cipios democraticos que ele professava
sempre com elevação e sinceridade.

Como não divertidos, estes tempos
de agora!

Lista
do Conselho. Maio: 29.

O grande Rocha Martins responde.
Desculpa-se com o que sempre avira

dizer e que era voz corrente noutros tempos. Respondi com esta outra missiva: talvez seja bom conservar:

«... Ausência de Lisboa por uns dias fez com que só ontem achesse a carta de V... datada de 23 do corrente. Agradeço a maneira amável com que me pretende explicar os passos do artigo que nos feriram a atenção; mas, ao mesmo tempo sinto que lhe diga que as bases de que V... se serviu (apenas o discreto e a mal-timpada palaciana) não justificam a levianidade ou ligeireza da afirmação que, embora reconheça não ser injuriosas, é desagradável p.^a a família atingida.

« Recebo os meus agradecimentos pela prontidão da resposta, assim como afirmo o meu protesto por tal forma de vulgarização histórica. »

É assinada pelo os juizes do mu.^{to} atento reuerador etc.

O pajado do Rocha Martins naturalmente não gosta; mas é natural que se cale e esta mu.^o carta fique sem resposta.

Sloje, no diário de Notícias, meu, quasi escondida, uma especie de explica

ção, meus desculpa de não pagar, de certo consequência da carta ameaçadora do Fernando da Silva, também atingido pela suspeita de saque real.

O homem pente-se embaraçado e desculpa-se com testemunho de gente já morta — o que é mais curioso.

Listas.

Mais: 30.

O Fernando da Silva mostrou-me hoje a resposta do Rocha Martins a sua carta. É blaudiciosa, mesureira, cheia de atenções. Diz que a infameação dada ao rei Eduardo VII foi pelo caudo de druzoso que preveniu o nomeação inyles de que o particular que lhe nomearam (e que era Licínio da Silva) descendia do rei D. Fernando de quem era filho adalferino. Diz também a carta que os nomes dos dois aduipidos eram nomes usados na corte de Saxo-Coburgo, etc. etc.

O homem tige ás responsabilidades e no final manda-me muitos cumprimentos respeitosos.

Enfim, não vale a pena mexer mais no assunto.

O caso está arrumado.

Lisboa
Junho: 2.

Ontem assisti ao concerto da Orquestra Sinfonica de Madrid que tocou a Nona Sinfonia de Beethoven, com cáros e terminou o programa com as danças guerreiras do Príncipe Igor de Borodine.

Ha palavras dificeis de descrever ou concretizar em prosa. As recibidas ontem são dessas. Aquilo deu-me a impressão de grandesa, de sumptuosidade, de quasi extasi que não posso nem sei traduzir.

É possível que os espanhóis não tenham mentalid. para compreender o genio de Beethoven; melhor, com melhor compreensão, teriam as danças de Borodine que me chegaram a commover; mas é certo que a nona sinfonia foi, indiscutivelmente, bem tocada, á qual os coros dão uma superioridade que esmag. Foi, enfim, um destes espectáculos que impressionam fundamentalmente — e q. se vivem uma vez na vida.

Eu, pelo menos, não conto ouvir segunda vez tal obra e em tais condições isto é: com cáros e tocada por orquestra de primeira classe como é esta Sinfonica de Madrid.

No fim do volume deixo o bilhete de
 bancada do Palacio dos Desportos que consegu
 qui arranjou e que me deu direito de en-
 trada no recinto ("

Lisboa.

Junho: 3

O escritor José Frederico Ferreira Mar-
 tins com quem ha pouco tempo tracei re-
 lações por intermedio do meu condiscipulo
 Augusto Bizarra Salgado ofereceu-me al-
 gumas das suas obras — que eu quero re-
 tribuir com algumas das minhas e em
 especial com o Cavaleiro e as "artes bel-
 las". Como não quero pedir ao deposita-
 rio que é o Ant.º Gonçalves de Coimbra,
 fui hoje a algumas das livrarias lisboen-
 ses para perguntar pelo opusculo.

Em duas, foram procurar, mas já
 não tinham; na Relo, da rua do Carmo, a
 empregado, ao ouvir o nome do autor,
 olhou-me de alto a baixo e respondeu com
 certo modo de desprezo um « não temos
 disso!... » que me deixou francamente
 vexado. E não se contentando com a fra-
 se teve leve movimento de escolher de
 outros.

(") A pag. 402.

— Não temos disso!...
 O homem deve ter razão. Amanhã
 vou voltar nas tuas literarias e, já agora,
 para ouvir resposta equivalente.

Lisboa

Junho: 4.

Ontem, o general Carrmona inaugurou
 umas oficinas de material de guerra na fa-
 brica de Baeiro. Houve festança, copo
 de agua, etc. com as discursatas do estilo.

O poltre do Carrmona desfez-se em elo-
 gios ao Santos Costa e afirmou que « a ju-
 "rificação actual do exercito não tem par na
 "historia... » e lembrou que nunca lhe vi-
 nesseu dado dois prémios que merecera em
 quanto foi official ao serviço regimental
 e concluiu que « ainda estava á espera de
 "recebe-los... »

O Santos Costa, em resposta disse o que
 aqui deixo em recortes:

O sr. ministro da Guerra disse con-
 siderar uma reclamação a que acabava
 de lhe ser apresentada pelo sr. marechal
 Carrmona, pelo que la procurar escla-
 recer os factos, assegurando-lhe que os
 prémios em dívida lhe seriam entregues
 em 14 de Agosto. Os prémios são os se-

guintes: 1.º premio do concurso de tiro
 de Chaves, quando aspirante a official,
 e as insignias de cavaleiro da Ordem
 de Sant'Iago por ter apresentado ao Mi-
 nisterio da Guerra uma proposta para
 se fazer um curso de passagem de se-
 gundo para primeiro sargento.

Como se vê, a cêna deveria ser como
 gente... E ficámos sabendo que a afre-
 sentação duma proposta para se fazer um
 curso de passagem de segundo sargento pa-

na primeira, realia, nestros tempos, as in-
 dignias de cavateiro de Saubiago...

Estes cavateiros não têm o ridiculo
 destas cênas? *serge bloq. que riu no mag*

Lisboa:

Junho: 8.

Floje, nova sessão da direcção da Re-
vista Militar. Presidiu o general Teixeira
 Botelho que me pareceu um pouco decaí-
 do. Na devida altura este contou que fôra
 a Belem agradecer ao Presidente Carmona
 a sua vinda á sessão do dia 11 do mês
 passado e que este, depois de certas pala-
 vras amáveis p.^a a Revista, passou a fa-
 lar de mim, mostrando muito interesse
 pelos meus artigos e dizendo que as nos-
 sas relações têm de muito loupe, des-
 de o tempo em que foi meu instrutor em
 Mafra, no 1.^o anno da Escola Central de Ofi-
 ciais eude fiz um curso notavel e eude
 me salientei, etc. etc.

Isto foi dito pelo general Teix.^o Botelho
 com solemnidade e solicitou a inserção na
 acta destas referencias feitas pelo general
 Carmona a um dos vagais da direcção.
 Isto parece ter deixado admirados alguns
 dos vagais presentes que me olhavam
 com certa curiosidade, sem sabermos,

com certeza, como explicar tais provas de atenção e simpatia.

Devo ter sentido alguns furos na escala da consideração de dois ou tres dos vo-
gais presentes.

Coimbra.

Junho: 16

De regresso a casa, fui hoje ao Quartel General receber o meu soldo do mês pas-
sado. Nos descontos notei a quantia de
25#00 (vinte e cinco escudos) para a Igreja
do Santo Condestavel — quantia que deve
ser um oitavo do valor da contribuição,
não direi imposta, mas quasi, pelo ministro
Sro Santos Costa para a erecção do Templo.

Assuetamente, declarei no Conselho
Administrat.º que não era catolico e que
desejava receber os meus rios vinte e cin-
co escudos. Não houve questões: os es-
cudos vieram logo para a algibeira.

Coimbra.

Junho: 19.

O Alberto Vieira Baraga, de Guimarães,
escreveu-me a pedir-me colaboração p.
a sua Revista, com palavras muito amig-
veis. Respondei-lhe com agradecimentos
e expliquei-lhe certas difficuldades de meu

to que me impediam de fazer qualquer
 ardo, mas dizia que «lá para Outubro,
 quando voltar a casa, não esquecerei o que
 mebedido» E terminava: «A meu vida, re-
 leu que na aparência tranquila, é um
 acervo de complicações de varia ordem a
 que o carunchio próprio da idade está a dar
 feição desagradavel. Sinto-me cansado,
 noto que o meu trabalho não rende o que
 rendia, vejo a velhice a surgir ameaçado
 raramente...» Etc. etc.

«Foi um rosario de lamurias.

Cointra.

Junho: 21.

Nous reuniamos, hoje, de comissão do
 centenário de Ant. Augusto Gonçalves. A
 fize a acta:

«Aos 21 dias... etc. na sala das ses-
 sões da Associação dos Artistas, pelas 18 ho-
 ras, se reuniram os vogais: dr. Costa Pe-
 driques, D.º Nogueira Gonçalves, dr. Costa
 Lobo, João Machado J.º, Lourenço Chaves
 Almeida e Belis.º Pimenta. Foi lida e
 aprovada a acta da sessão anterior. B.º.
 justificou a falta de Álvaro V. de Leuz e
 passou a expôr as deliberações feitas em
 Lisboa junto da casa Molder e do dr. João

Bento. Quanto á medalha, um dos socios da casa Molder, de nome Henrique Monteiro, disse que a casa se encarregaria de a fazer desde que lhe dessem o modelo; trocando-se impressões acerca do assunto, resolveu-se solicitar do escultor Costa Mota Sobrinho a execução da obra e do socio da casa Molder o aviso da sua prox.^a vinda a Coimbra para se regularizar o contracto. Quanto á conversação com o dr. João Couto, informou de que este se ficára m.^{to} satisfeito com o andamento dos trabalhos e aprovára com prazer a ideia duma sessão realizada na sala de conferencias do Museu de Arte Antiga e em que fosse a principal conferencista a senh.^a D. Genoveva de Lima Mayer e esto, com logo o programma que seria: abertura da sessão por elle João Bento, com palavras explicativas e de evocação de Mes.^{rs} Vte Gonçalves; conferencia por aquella senhora e no final, passagem de projecções do retrato do homenageado e das suas principais obras: Sé Velha, Museu Machado de Castro, Torre de Alameda para evocar a Escola Livre das Artes do Desenho, etc. etc. Todos os socios presentes não só aprováram como se congratularam pelo programma proposto e ficou encarregado

o sr. dr. Costa Rodrigues de ponderar a opinião seu parecer e a execução daquela illustre scultora. — B. P. disse ainda que o dr. João Couto leuvará a execução de um retrato de Mestre Gonçalves para a sala do Museu Machado de Castro que lhe é dedicada; mas reconheceu a difficul. actual da realisação dessa leuvaranca. — B. P. continuando, e seu nome de Alvaro Vianna de Leiros, disse que seria interessante que, no prox. Congresso Beirão que se reunirá na Guarda, fosse evocada a figura do Mestre Gonçalves não só como um dos Beirões mais illustres mas também a propósito do 70.º centenario do seu nascimento; todos concordaram em que o sr. Vianna de Leiros que vai assistir a esse Congresso se encarregasse dessa missão e a apresentasse como entendesse. O sr. dr. Costa Lobo informou de que o sr. reitor da Universidade lhe dissera que m.º em breve o Senado reuniria e resolveria definitivamente acerca da sessão commemorativa; o mesmo sr. informou ainda de que o sr. professor Pereira Dias se mostrara muito interessado pela commemoração centenario e prometeu o seu valimento no sentido de se conseguir verba para as publicações e que deseja-

va conhecer um arcabouço aproximado para iniciar as suas diligências junto do Instituto para a Alta Cultura. B.P. e João Machado J.^o contaram o que se passou em 30 de Abril último com o director da Escola Brotero a quem foram expôr o que se projectava; este sr. concou dando sinceramente com o projecto, prometteu interessar-se e depois de ouvir os seus colegas, dois dos quais ainda se viram com Mestre Gonçalves, resolveria a representação da sua escola, afirmando desde já que, pelo menos, faria uma sessão dedicada a todos os alunos na qual fosse descrita a acção do primeiro director e o seu grande trabalho em prol da educação artística das classes operarias. Todos se congratularam por estas afirmações: - B.P. ainda em regime de Alvaro de Leuões disse que este, numa sua ida ao Porto, sondara o director do Museu de Soares dos Reis, dr. Vasco Valente, o sub-director Alberto Meira e o director da Escola de Belas-Artes, professor Joaquim Lopes acerca da possibilidade de uma sessão publica nas alturas do centenário; encontrou dificuldades e certas hesitações ficando com a impressão de que apenas poderia contar com o professor Joaquim

1567

Lofres que mostram algum interesse. Tro-
 cadas impressões e exposta por B.P. a opi-
 nião do dr. João Couto a este respeito, jul-
 gou-se que seria já considerado com re-
sultado a sessão na cadeira de Bar-
 las e dtes do Porto, mesmo com carácter
 restrito. Foi resolvido ser até que ponto
 se poderia dar amplitude a essa sessão
 contando com as deliberações do sr. Alu-
 no de Leões por motivo das suas idas ao
 Porto. — Ainda a respeito da proposta des-
 te ulto. vopal para a impressão de um
 selo de publicidade, resolveu-se envi-
 dar o mesmo sr. Viana de Leões para
 se encarregar do desenho respectivo. E
 não havendo mais nada, etc. »

Foi, como se vê, uma sessão cheia.
 Mas... conseguiu-se-lhe, de tudo isto,
 alguma coisa?

O Costa Rodrigues disse que as coi-
 sas terão sido levadas com habilidade
 e é possível que de tudo o que se projecta
 alguma coisa se consiga.

A ver vamos. Mas o ambiente é
 que é muito pouco favorável. Celebrar
 a memória dum velho e ultraconservador
 republicano e anti-clerical de respeito,
 é quasi um paradoxo.

Cosmura

Julho: 6

Em 3 do corrente fui a Lisboa, assistir á sessão solene que a Imprensa de Portugal promoveu em honra da Revista Militar e que se realizou no salão nobre da Sociedade de Geografia.

Recebi - se extractos de uma carta escrita ao Pires Mont.º porque não tive tempo de o procurar no dia immediato. Vai aqui a m.ª impressãõ geral sobre a solennidade.

«... A sessão, realmente, se não teve euchente teve publico numerozoso e que me pareceu escolhido. Nos discursos manteve-se nivel elevado, de grande correccão e até de libert.º de opiniões pouco corrente na epoca. Foi pena que a dissertação resumida e erudita do moço Costa Veiga não antes substituída por evocaçãõ dos escriptores e ideias de ha um seculo, do periodo em que ainda dominava a barafunda napoleonica mas em que já se accentuava a nova orientaçãõ forjada mais ou menos pelos alemães. Essa evocaçãõ, ligada ao clima portuguez, poderia dar melhor o ambiente que provocou o aparecimento da

nossa Revista, aspirações, afinal, dos me-
lhores valores militares do tempo.

« Mas, seja como for, a sessão cons-
tituiu um acontecimento notavel para
a vida da Revista e uma afirmação q.
redonda em grande prestigio p.^o nós.

« E achei interessantes certas frases
saídas dos discursos e confirmadas pe-
lo Gomes de Araujo no encerramento
que fizem, no fim de contas, frases de
vapo ou indirecto protesto contra a atty-
de do illustre Santos Costa.

« Ainda bem. Aquilo foi quasi um
desagravo, como se usa fazer na Igreja
às imagens ou outros símbolos desres-
peitados.

« Muito obrigado pela sua visita, etc.»

E na verdade o Santos Costa não de-
veria gostar muito da festa. As allusões
faziam claras e ele havia de ter conheci-
mento delas, com certeza.

Cimbra.

Julho: 8.

O Eduardo da Cunha Oliveira, meu
amigo, mandou-me para Lisboa, em
12 de Maio passado, um telegrama de fe-
licitações pelo prêmio Almirante Des-

rio que recebera em pessoa da Revista Militar — curso deixei dito e redito.

Agradei o telegrama hoje, com a pura de quasi dois meses, e uma carta mais ou menos alegre que aqui fica quasi na integra:

«... E vai dizer-lhe tambem que a pessoa correu bem, com certa elegancia, auditorio escolhido e muito atento; a minha discursata foi ouvida parece que com curiosidade pois a m.^a pessoa se e conhecida pelos artigos da Revista era desconhecida, de vista, pela maior parte dos gros bonnets do exercito e da armada, cheios de condecorações e... eutopias.

«O presidente Carnona que a chegou da me acolheu com afabilidade para do protocolo, teve palavras tambem pouco protocolares para a discursata — e isto deveria dar no gôto aos honreus das estrelas nos galoes.

«Além disso, o Ferreira Passos na sua allocução em nome da direcção da Revista, chamou-me pensador e filosofo; é certo que nunca julguei ser classificado nesses rectores para os quais ~~mas~~ sempre me julguei seu jeito, mas essas affirmações feitas por creatura de tal cate.

garia, deveriam dar-me, perante a assistência, certa aureola de grandera — e de certo deram porque, no final, fui abraçado pelo Carmo e pelos netos da reserva e da reforma.

« Dos apalodados e estrelados actuais nenhum me disse, ao meus, um simples « muito bem!... » Os marinheiros, então, com excepção do Botelho de Sousa já na reserva, primaram pelo afastamento que me deu a impressão de, na Marinha, não ser lido o neto conspícuo do Felix Pereira, mesmo em edição modernizada.

« Seria porque a caricatura que talhei na discursata lhes serviu ás mil maravilhas? E eles a enterraram pela calçada abaixo, com arelhas e tudo? É possível. O filósofo e o pensador meteu-lhes medo e não quizeram dar um ar da sua graça.

« E aqui tem.

« É o mais curioso é que, dias depois, quando a direcção da Revista foi agradecer ao Carmo a sua comparecência, este, ao afirmar o prazer de ter assistido á sessão, quasi só falou em mim, na minha alocução e no artigo que, no fascículo n.º 3, do Março, eu publicara em

caudo o exercito de 1848, arbispo que ele
achou superior aos outros todos. Causo
vê, estão causagado...

« Peccis que, caiu tanto levantar, que
abireu caiu alguma venia, como por
ex.º: a homenagem au merito agricola... Sei lá!

« Fui assistir, no dia 3 ultimo, á sessão
de homenagem prestada pela Imprensa
na Perista. Correu bem. Certa elevação,
solididade e linha. O Santos Costa deve-
ria ter dado pinotes se ouviu, pela radio,
as discursatas; a sessão foi digna res-
posta ás perseguições e garoficos que ele
teve feito á Perista; e se ouviu alguma
coisa, ouviu-as boas e de boa graça,
boa de veludo, a que o proprio colega
Gomes de Araujo se associou.

« Esta já vai como a legua da Po-
voa, etc. »

Coimbra.

Julho: 11.

Carta dirigida ao Presidente da direc-
ção da Perista Militar justificando a fal-
ta á prox.ª sessão de 13 do corrente:

«... Progo a V... desculpe a minha
falta á sessão do prox.º dia 13 para que

se dispuser a cuidar-me, pois não me é possível ir, neste momento a Lisboa.

« Desejo, porém, dizer a V... e aos Ilustres Colegas da Direcção que a pessoa sobre a que fui assistir em 3 do corrente, em honra da nossa Revista, foi sem duvida uma homenagem á sua antiguidade ou utilidade mas se-lo-ia mais, a meu ver, ás intencões com que foi feita e á probidade, seriedade e elevação com que teve sido dirigida e colaborada de que não, certamente, responsáveis os seus distinctissimos presidentes de direcção.

« Se estivesse presente á pessoa desejaria, pois, saudar V... pelo triumpho alcançado que devesse ter sido extremamente grato aos elevados recebimentos de V... e á dedicação e boa vontade de todos nós; e desejaria, tambem, cumprimentar o sr. general Paul Esteves pela bela allocução proferida em nosso nome, com equilibrio e solriedade que me deram completa satisfação.

« Desejo V... Sr. President^e, com os meus respeitosos cumpriment^{os} etc. »

A carta poderá parecer algum tanto larnchea e estes cumprimentos ao general Paul Esteves que é pessoa que me con-

rende com os nervos, não fãra dos meus
hábitos — mas são justos.

E, que diabo! o fazer justiça não deve
custar. A alocação foi, na verd., solida,
equilibrada e tem escrita. É a minha in-
redutibilidade com esse cavalheiro continua
na mesma.

É pronto.

Crimbra.

Julho: 16

Estive hoje com o illustre Madail. O
marido foge ás responsabilidades. É ne-
thaco como os netacos...

Não quer fazer a exposição a que se
comprometeu e dá desculpas que não ap-
parecia não razoaveis — mas que são
falsas.

O que ele quer é estrapar a comemo-
ração para depois aparecer como o unico
que seria capaz de a realizar.

Veremos se não é assim.

Póde ser que eu esteja muito de pé-
atraz e desconfiado com ele e assim faça
meu juizo do seu procedimento. O Lau-
reço Chaves Almeida defende-o, e' de
opinião de que nos deveriamos aproxi-
mar dele ha mais tempo e lastima que
a presença do P.^o Norueira Gonçalves seja

o impedimento de ele trabalhar com a comissão.

Eu não vou p.º aí, e continuo a crer que ele é velho e de há muito tempo e que, de baixo da aparência de lealdade e correção, anda a tramular qualquer coisa.

Estarei enganado? Antes estivesse.

É como, ele tem na sua mão elementos que outros não têm, gosa com a superioridade e vai jogando com ela.

A minha impressão é, até, de que anda a minar as nossas intenções. Como, não sei; mas tenho o presentimento de que há alguma coisa nesse sentido.

Ver-se-á. Coimbra.

Julho: 17.

Nova sessão da comissão do centenario. O caso do Madal foi discutido e é possível que se dê algum resultado por intervenção do P.º Nogueira Gonçalves como adiante se verá. O Padre quer dar um quinário — e é bem dado.

Segue a acta: « Aos 19 dias... etc. em casa do vogal B.º. se reuniram os vogais alvaro V.º

na de Lemos, P.^o Nogueira Gonçalves, dr.
 Costa Lobo, João Machado J.^o e B.P. pelas
 17 h. e 30 m. Foi lida e aprovada a acta
 da sessão anterior. Alu.^o Viana de Lemos
 lembrou que para a comemoração no Por-
 to seria bom insistir com o professor Jo-
 quim Lopes acerca da sessão na Escola de
 Belas Artes e interessar nisso a Casa de
Cóimbra no Porto; B.P. disse que esta ca-
 sa ainda não está aparelhada devida.^{te}
 e que alguns elementos preponderantes
 não seriam grandes auxiliares pelas liga-
 ções pessoais com certos indivíduos desta
 cidade que não têm qualquer especie de con-
 sideração pela memoria de Mestre Gon-
 çalves; contudo, ficou resolvido que se es-
 crevesse a Adolfo de Freitas, admirador
 do Mestre e sincero entusiasta por todas
 as homenagens que se lhe prestem. Al-
 varo de Lemos disse ainda que, com to-
 do o prazer se encarregou de lembrar
 no prox.^o Congresso Beirão o nome de An-
 tonio Aug.^o Gonçalves e faria o possível
 por patentar a sua obra. A respeito do
 selo de publicid.^{de} ou propaganda que se
 resolveu fazer, o mesmo vocal lembrou
 que seria preferivel com os seus postais
 ilustrados com o retrato de Gonçalves e
 atalhas ás suas principais obras. Troca

das impressões, ficou resolvido que se encarregassem do assunto os pro. Alvaro de Lemos e João Machado e que estes sollicitassem de um ou outro artista de Coimbra os desenhos que seriam gravados por Marques Alerem. — B. D. contou o que se passou com o representante da Casa Molder, no dia 28 do mês passado; esta casa encarrega-se da medalha comemorativa desde que lhe entreguem a matriz; disse mais o mesmo vogal que nesse sentido escrevera ao escultor Costa Mota em nome da comissão e comunicou com satisfação que o mesmo illustre artista aceitara a incumbência, com firme carta que tem. Resolveu-se agradecer e que se a proxima ida a Lisboa dos vogais dr. Costa Lobo e B. D. estes se avisassem com os directores da casa A. Molder para melhor se regular o assunto. — B. D. informou de que procurara os elementos para a publicação das conferencias e discursos que se fizessem na occasião do centenário; e verificou que conforme os formatos in-4.º ou 8.º gr. cada folha de impressões poderia ficar respectivamente em 700#00 e 500#00. Resolveu-se que só no altura das comemorações se poderia calcular a aproxima-

mente o numero de folhas e se daria
 então conta disso ao sr. dr. Pereira Dias.
 Trocaram-se impressões acerca da inter-
 ferencia do dr. Reinaldo dos Santos e ficou
 resolvido que se lhe communicasse que dese-
 jávamos que ele fizesse a oração central
 na sessão da Câmara Municipal e que o
 mesmo se communicasse ao Presidente do
 Municipio. — B.P. expoz a requerer a con-
 versa que ha dias tivera com o sr. Rocha
 Madail da qual concluiu que este sr. não
 faria a exposição de trabalhos de M.^o Gonçal-
 ves a que quasi se comprometera perau-
 te os rapais Laurencço Chaves Almeida e
 Belisario Pimenta, alegando varios mo-
 tivos como o silencio da Universidade
 sobre o assunto, o pouco tempo disponi-
 vel, o não querer tomar as responsabili-
 dades da recepção dos objectos, as despesas
 que viriam dos transportes, etc. Perante
 esta attitude que pareceu estranha, trocaram-se
 impressões, resolvendo-se por
 proposta do sr. P.^o Nogueira Gonçalves que
 não querendo o sr. Madail encarregar-
 se da exposição, esta se faria no Museu
 de Machado de Castro embora não tão com-
 pleta como seria para desejar, mas sufi-
 ciente p.^o dar ideia do espirito fecundo e
 da acção notavel de Ant.^o Augusto Gonçal-

nes. Esta proposta do sr. P.º Vaqueira foi
acolhida por todos com a maior satisfa-
ção. — Como agora entra novo periodo
de ferias, resolveram-se que se suspendes-
sem os trabalhos em conjunto e cada
um dos vogais procurasse, dentro da sua
esfera de acção activar ou completar as
nossas resoluções. E não havendo mais
nada, etc. »

Coimbra

Julho: 21.

Morreu ontem o bispo de Coimbra,
D. António Antunes. Hoje foi o enterro.
Vi, pelo linocento, do meu 1.º andar, a
descida do cortejo pela rua do P.º Ant.º Viei-
ra; pareceu-me uma grande manifesta-
ção reaccionaria. Desde as creancinhas,
á frente, deixo duma terrivel saethei-
ra, até a uns sete ou oito bispos que, de
loupe, davam uma nota colorida curiosa,
havia longa fila de pueros, homens,
frades, freiras, irmandades, clerezia dos
arredores — toda a população que sim-
cara ou hipocritamente se ajoelha nos
altares catolicos, em conjunto que se não
pode ignorar e muito menos recusar.
E' vulgar os liberaes rirem-se em
encolherem os ombros; fazem mal: é

ner o que os reaccionarios realizam a-
propósito de tudo e de nada. Este pobre dia-
bo de bispo que nem á craveira manual
chegava, pegando dizem, teve honras de
tal ordem.

Etc. etc.

Coimbra.

Julho: 22.

Morreu ontem o Deal da Camara — ho-
je creatura quasi desconhecida. Sempre
quero ver apanha a noticia do seu enter-
ro para o comparar com o do bispo de
Coimbra.

Meia dúzia de annos, certamente,
e viva o velho! para não dizer... e viva
o morto!

Paz: Mapa.

Julho: 25.

Outra vez na Paz. Sarrêgo, mortada
fresca, a mesma paisagem sem graça.
Nem quintalejo, ao lado, nem patos gras-
nam; ha um cão, mais loupe, a ladrar.
E as terras do convento, bem erectas,
atestam o poder do senhor D. João V e do
aire do Brasil.

Mais nada.

Lisboa.

Agosto: 1.

Para documentar a consciencia e a seriedade com que no ult.º Congresso Beirão se apresentaram comunicações e pedidos ao Governo, deixo arquivado um desmembrado do dr. Lucioz Veloso que é o melhor commentario possível.⁽¹⁾

E o que é mais curioso é que á frente do Congresso estava um etnografo oficialmente notavel, o dr. Jaime Lopes Dias que tem preferencias a historiader.

São coisas que aconteceram. Escrevi hoje uma carta de cumprimento ao dr. Manuel Paulo Merêa que foi ha pouco aposentado e ao qual em Coimbra se tem prestado varias homenagens. Na carta affirmava a m.ª estima e a m.ª concordancia com todas as homenagens.

E para, o centenario de Ant.º Augusto Goncalves.

Ontem estive com o dr. Gumerindo da Costa Lobo com o qual combinei encontro para irmos juntamente á casa

⁽¹⁾ No final do vol.º a pag. 403.

Molder & C.^o, tratar do caso da medalha comemorativa do centenario de Antonio Augusto Goncalves.

Deu-me logo o Costa Lobo a noticia de que o reitor da Universidade o informara de que o Senado reunido nos ultimos dias do mes passado resolvera definitivamente entregar a participacao no centenario á Facult.^e de Ciencias; e que esta Facult.^e na sua ultima reuniao em congregacao (como se dizia antigamente) resolvera não tomar qualquer iniciativa e fazer-se apenas representar em qualquer acto solene que se realizasse.

E para este resultado audaram eles a subreter um ano inteiro!

O Maximino Correia, na verdade, pareceu-me sincero quando nos afirmou a justica da comemoracao e a sua boa vontade; o Senado, na prim.^a reuniao em que o assunto foi tratado, parece que concordou, em principio, e resolveu estudar o caso. Mas depois... começaram, certamente, as interferencias e os trabalhos de sapo; e para final deram o dito por não dito.

O dr. Gumerindo, quando me deu a noticia, parecia-me comprometido; o reitor ter-lhe-ia revelado alguma parti-

culariidade que entendam não me dever
dizer? O certo é que a Ultramarina^o nunca
uma vez se mostrou tal qual é. Para
o prestigio da comemoração que intentá-
mos, a recusa é importante; mas traz
a compensação de deixar nunca liberdá-
de aos nossos projectos.

Nem tudo se perde. E na verdade,
era exipir demais que o casamento de Dom
João III celebrasse o centenario dum ho-
mem como o Goncalves. A nossa impu-
nidade em Lou-jé levou-nos a acalen-
tar esperanças.

Eufim!...

Ora debaixo desta má impressão fô-
mos á casa Molder tratar da medalha.
O Henrique Mautero, com quem falámos,
e que nos pareceu um espirito aberto e
franco, dado ás artes e á musica, e que
se interessou pela personalidade de Ant.^o
Dup.^o Goncalves que nós lhe descrevemos
com a brevidade natural do momento e
que uma conversa de caracter commercial
comportava; o Henrique Mautero, dipo,
explicou-nos a accção que a casa poderia
ter a qual não tomou a factura da medalha
á sua completo responsabilidade. Isto é:
o capital que terá de ser empregado deve
ficar por nossa conta, e não por que nós

possâmos garantir certo numero de medallas compradas de modo a compensar a responsabilidade da casa.

É calculou, por alto, que cada medalla ficaria por 500\$00 em prata e 300\$00 em cobre.

Perante a nossa declaração de que não tinhamos capitais ou fundos p.^o tal responsabilidade, o Mautero aconselhou-nos a consultar o dr. Damiano Peres que na Casa da Moeda exerce funções que poderiam influir na nossa pretensão.

Entim, tudo ficou indeciso e a esfera do regresso do dr. Gurnersindo q. vai a um congresso de Astronomia na Suíça, para este se entender com o dr. Damiano Peres. Sai da casa Molder de baixo de dupla impressão de derrocada: a Universidade falhou; a medalla está em riscos de se resolver. Só falta a Camara, á ultima hora, dizer que não pôde fazer a sessão...

É certo que ainda temos muitos recursos p.^o fazer alguma coisa; mas começam já a aparecer as dificuldades.

O grande interesse do dr. Pereira Dias apregado pelo Madail e pelo dr. Gurnersindo parece que deve ser filtrado antes de ser servido. O homem tem capelo e barba; é preciso cautelar com isso.

Vamos a ver o que paira de tudo isto.
 E' bom não desanimar. E sempre se ha-
 de conseguir alguma coisa.

Paz: Mafra.

Agosto: 4.

Vai hoje carta para o escriptor Costa
 Mota a respeito da medalha, não só com
 agradecimentos pela boa vontade mani-
 festada, mas tambem dando explicações.

Leis seus extractos:

«... Sirvo-me, pois, deste meio
 p.^a comunicar a V... a satisfação de nós to-
 dos e os agradecimentos e, ao mesmo tem-
 po, dizer que seu breve, por intermedio do
 sr. P.^e Waqueira Gonçalves ou do sr. Alvaro
 Vianna de Leuzos, V... receberá as sugges-
 tões acerca da medalha.

«A sua cunhagem ainda está pendon-
 te de deliberação junto da Casa Molder e do
 dr. Damião Peres, chefe director do Museu
 Numismático da Casa da Moeda; é possível
 que o melhor caminho seja o da Casa da
 Moeda se o dr. Peres aceder ao nosso pedi-
 do. et ver vobis.

«O facto de a medalha não estar á ven-
 da no proprio dia, não importa muito —
 pois naturalmente as comemorações re-

rão certa extensão por virtude de algumas dificuldades levantadas. E t... terá ao
 sim mais largueza para o seu trabalho.

« Queira, pois, aceitar, etc. »

Paz : Maia.

Agosto : 5

Escrevi ao Laurencio Chaves Almeida
 uma carta em que lhe dou parte da resolu-
 ção da Universidade e do caso da medalha co-
 memorativa. E no fim, para responder
 a certas observações que elle me fez em car-
 ta a respeito do Madail, dizia-lhe :

« Quanto ao Madail... não estou de
 acordo comtigo. Ali ha qualquer outro mo-
 do que elle não revela e o facto de o não
 termos chamado está bem fundamenta-
 do no conhecimento que todos tinhamos de
 que elle nunca gostou do Mestre Gonçalves,
 e de que até reunia elementos de varias
 arripes (e em especial do Vianna) com a
 intenção de um dia lhe poder dar uma ta-
 raxa. Como se chamaria p.^a tal celebra-
 ção um honorem nestas condições ? »

« Creio que estamos justificados perante
 a consciencia e perante o publico. Isto
 dará mais conversas. Por agora, so lhe de-
 sejo as melhores, etc. »

estuda a propósito do caso do Congresso
 no Beirão o que me referi atrás, no dia
 1.º deste mês, deixo arquivada a replica
 do dr. Queiroz Veloso ao presidente da Co-
 muna da Guarda. (1)

O incidente é curioso e com este no-
 vo recorte que consueiro fica um tanto ou
 quanto confuso.

Não admira. Agora ainda tudo muito
 confuso...

Mas este caso é, para mim, com fran-
 queza, muito espracado.

Paz; Maia.

Agosto: 6.

Foi hoje carta para o dr. Reinaldo dos
 Santos em nome da comissão do cente-
 nario.

Com m.ªs amabilid. e desculpas por
 não ir pessoalmente, convidava-o a fa-
 zer a oração principal na sessão solene
 que a Camara Municipal de Coimbra deve
 realizar em dezembro proximo. E o
 pedido era fundado na auctoravel affirmação
 feita ha tempos, quando o procurei na
 Academia, etc. etc.

(1) No final do vol.º a pag. 403.

A carta creio que ia nos devidos ter-
minos. A resposta é que poderá vir fora dos
mesmos termos.

Esperaremos. Paiz: Mapa.
em 28 de agosto: 7.

Carta para o dr. Manuel Lopes Almeida
actualmente director da Biblioteca da Uni-
versidade. Fica registada para o que dea
enviar:

«... Pelo correio de hoje remetto a
V... o original dum pequeno artigo já ha
muito prometido para o Boletim.⁽¹⁾ Cum-
pro a promessa, mas pouco satisfeito. O
artigo não chega á craveira exigida para
tal publicação; mas eu creio que já não
deu mais do que isso. Parece-me que te-
rei de pôr ponto final nas relações de
historiador militar — se é que alguma
vez viue dessas relações.

«V... parem, fica em autorização,
desde já, para lançar o original no cesto
dos papeis velhos se assim entender.

(1) O artigo intitulava-se o Campauba de
1801 (Lipeiras e considerações a propósito duns do-
cumentos), e destinava-se ao vol. XIX do Bole-
tim da Bibliot. da Univ. de Coimbra.

« E esse não enfado mais. Creia
U... que me assino, etc. »

E' claro que isto é pura amabilidade.
O Lopes de Almeida disse - me que tinha al-
guma pressa no ardejo para o meter em
primeiro lugar no volume que se está or-
ganizando. Assim me deu a entender;
mas o Cesar Sepado disse - me claramen-
te, ainda ha pouco.

Estão cada vez mais atentos, reue-
radores e olivados... O que haverá por
detras de tanta cortesia?

E agora, outro assunto.

Chepau hoje agui o n.º 3171 de O Des-
pertar de Coimbra. Entre outras noticias
dá esta, curiosa, que deixo aqui arguina-
da. Por ela se

Câmara Municipal

Reunião de 5 de Agosto de 1948 :

— Deliberou também, officiar á mesma
Ex.^{ma} Direcção Geral para que autorize a
Sociedade de Defesa e Propaganda de
Coimbra a instalar-se, embora provisória-
mente, na Torre de Almedina, conforme
foi solicitado pelo sr. Presidente da mesma
Sociedade, em consequência de ter de des-
ocupar o edificio onde se encontra, por
motivo das obras do futuro edificio da Fi-
lial da Caixa Geral de Depósitos, Crédito
e Previdência :

ve que a Esco-
la Livre não
tem direitos,
mas a Socied.
de Defesa e Pro-
paganda pôde
ir ocupar o
seu lugar.

Não haverá
nisto uma ma

molera discreta que, puerilmente, se
leulhe a Escola da sua péde com um que
texto razoavel como é o das obras para
a Caixa Geral dos Depósitos?

Vamos ver. E ajudamos nós a cau-
carmos - nos na efectivação do contracto
rio de Ant. Augusto Gonçalves.

O que virá mais?

Paz: Mafra.

Agosto: 8.

Escrevi hoje ao João Bento e ao Alva-
ro Vianna de Leões informando-os do que
se passa a respeito do contracto do Gon-
calves. Da carta para este ultimo seu-
me aqui deixo um pequeno extracto:

«... Meu caro: as coisas são o que
são. A nossa boa vontade esbarra com
os tais imponderaveis que, neste caso,
afinal, tem muito peso. Que lhe fazer?

« Parece-me que deveremos ir até
onde podermos ir. O mais ficará para a
Historia á qual teremos de dar elementos
para julgar com a devida justiça.

« E como temo passado? Eu, feliz-
mente, longe dos problemas que me me
ocupam e por consequencia não lhes
sentindo a garra, passo os dias estendi-

do a ler. Ando ás voltas com Tola que me deixa sempre aturdido; com alguns dos tratados de Cicero que me deixam encantados pela leveza com que trata assuntos profundos; com Ortega y Gasset que é transcendente de mais para ambiente palácio; e com outros varios, desde Voltaire ao Antonio Sergio, desde Barrés ao nosso Alvaro Pedrol. E é o que me vale neste deserto. »

Paz: Mapa.

Agosto: 9. Escrevi ao P.^o Nogueira Gonçalves sobre o mesmo assunto das cartas autênticas. Desahafos.

Paz: Mapa.

Agosto: 11. O P.^o Nogueira Gonçalves respondeu-me logo, incomodado com as novas que lhe dei e tambem com o que lei nos jornais a respeito do pedido da Sociedade de Defesa e Propaganda para occupar a sede da Escola Livre na Torre de Alameda.

Deixei aqui, no dia 7, um comentário a este respeito; mas hoje, lendo a carta do Padre saltou-me á idea uma suspeita: o Madail é o vice-presidente

da Sociedade e supurraria o Fernando
Martius, como presidente. O que haverá
 por deliaixo de isto tudo?

O Madail é creatura que nê loupe e
 estuda tem as coisas. Vamos a ver —
 mas aqui fica a minha suspeita.

Para o que der e vier...
 Paz: Mafra.

Agosto: 17

Carta do Antonio Mesquita Figueiredo:

«... Preceli aqui, com m.^{to} prazer, o
 seu recente opusculo com a correspon-
 dencia trocada com o patris Leibner ha cer-
 ca de meio seculo. Muito e muito obriga-
 do. Li-o com o maior interesse como seu
 pre leio os seus serios e bem documenta-
 dos trabalhos; da leitura alguma coisa
 aprendi e certas notas bibliograficas me des-
 pertaram a atençaõ para um dia, se ainda
 me encontrar com forças e disposições, re-
 ver certos assuntos que em tempos me pre-
 deram. Muito e m.^{to} obrigado, pois.

«Uma coisa, porém, me sobresaltou:
 na sua nota a pag. 36 vejo com surpresa
 o meu nome como autor de cartas que me
 nunca escreveram a atençaõ de juntar com eu-
 tras de pessoas de nome illustre. Sou quasi

levantei os braços para o ar, evocando
 os Deuses Imortais: o que teria eu escrito
 to que vallesse tão honroso acolhimento?
 O meu illustre Am.^o obriga-me, daqui em
 diante, a ter cuidado com os devaneios
 epistolares, a fazer rasunhos, a escrever
 vagarosamente e cautelosamente, pon-
 do de vez em quando os olhos em alto, e
 com a pena suspensa, como a cotejar os
 cálculos e a coordenar ideias — não quei-
 ra o Demónio que páia qualquer coisa
 que não cheire aos caldos de Bernardes e
 não páia aos fartos guizados do Viei-
 ra...

« Ora pois, meu caro Am.^o: creio que
 será levar a exagero de coleccionar e
 conservação das m.^{as} modestas cartas;
 no entanto fico-lhe a dever mais essa
 atenção e creia-me, affectuosam.^{te}, etc. »

Paz: Mafra.

Agosto: 18.

Tive de escrever ao Vieira Braga, de
 Guimarães, a propósito de mais um pedi-
 do de colaboração na sua Revista. Disse-
 lhe que o rendimento do meu trabalho é
 pequeno, mas que tenho aqui notas anti-
 gas que poderiam servir se eu fosse capaz
 de as fazer chegar á craveira: solve o en-

contra dos Aldeiros, considerações ~~propos~~
acerca de historia militar; sobre o au-
tente de Banca de Alva, feitas quando lá
fui observar a possível influencia em
Guerra Junqueira; acerca da paisagem
de Paupiel, etc. etc. e outras jornadas
literarias...

Isso, afinal, foi sugestão; mas é natu-
ral que aceitei embora não sejam as-
suntos propriamente rimaraveis.

Paz: Mafra.

Agosto: 19.

Recebi carta do Laurencço de Almeida,
também afilto, como o P. Nogueira, por
causa da Escola Livre.

Para que perueu as aflições?

As coisas não de correr pelo seu pé.
Como diz o Povo: o que tem de ser, tem
muita força.

Paz: Mafra.

Agosto: 20

Disse-me hoje pessoa categorizada
da vila de Mafra que ha pouco, a um in-
dividuo preso por suspeito de comunis-
ta, o chefe da policia que o interrogou je-
raute a negação do interrogado quanto
a ideias de comunismo e jeraute a afir-

mação de que era pura e simplesmente
contrário á situação politica actual, the
observára:

— Bem, isso não importa. Lá que to-
da a gente é contraria a situação salu-
mos nós. O que nos interessa é o comu-
nismo.

Curioso.

Par: Mapa:

Agosto: 21.

Por curiosidade, simplesmente, e não
porque a carta tenha qualquer valor, deixo
agora uma que hoje mandei p.º o publicis-
ta José Frederico Ferreira Martins a quem
já me referi nestas notas mas sei a que
respeito. Cá vai ela:

« Recibi, ainda em Coimbra, uma
atenciosa carta de V. . . e ha poucos dias, aqui
me veio ter um outro trabalho literario
com q. me honrou. Propositadamente
reservei p.º este retiro quasi escondido a
leitura das obras oferecidas; e por isso, só
agora é que cheguei a occasião de agrade-
cer a generosid.º de V. . . que sinceramente
apreciei.

« O nosso comum amigo Bivar Salga-
do de certo eucareceu, por tal forma, es

meus mais que modestos meritos, que U... foi levado a crer que se tratava de qual quer poliprafo de realer que as circumstancias e as injustiças do mundo tem tratado ignorado. O caso, parem, não e' esse: trata-se, apenas, dum curioso que, com persistente trabalho, desde muito moço, procurou instruir-se e cultivar o espirito, principalmente nos ramos historico-literarios; e que, motivos derivados da profissão leváram a estados de historia militar com fraco exito.

« E aqui tem U... o quasi ignorado publicista a quem generosamente trata por confrade.

« Mas, revertendo ás obras de U... : li com interesse e cuidado especialmente o que trata de Fernão de Albuquerque que e', na verd., um trabalho bem documentado e, como tal, fruto de largas pesquisas que eu avalio bem parq. Tambem, nestros tempos de melhor vista e mais paciencia, entrei nos arquivos alguns annos de vida. Deliciei-me com o poema de Kalidaga que eu só conhecia de nome e que e' formosa peça literaria; ha m.º já, li algumas traducções de outros poemas indians feitas por Monsenhor Dalgado do qual me lembro muito bem porque frequentei a

a Biblioteca da Universidade de Coimbra
 certa temporada de ha trienta e tantos anos.
 Muito e muito obrigado pois a V... por
 me dar a conhecer os seus trabalhos com
 os quais ganhei de varias formas.

« E peço licença para lembrar um
 artigo sobre os ossos do grande Alluquerque
 que por me parecer que da leitura de pag.
 62 e seg. tes do Ferreo do Alluquerque, V...
 não o conhecerá. Trata-se dum pequeno
 estudo do falecido antropologista e profes-
 sor Ant. Aurelio da Costa Ferreira, publi-
 cado na revista Terra Portuguesa, ha mui-
 tos annos; como não tenho aqui elemen-
 tos seguros de informação, não posso re-
 não dizer que a revista se publicou ai
 por 1813 e annos seguintes, pouco mais ou
 menos, e que eram seus directores o dr.
 Vergilio Corrêa e D. Sebastião Passanha.
 A me.^a memoria não dá para mais.

« Remeto os meus agradecim.^{to}, etc. »

Paz: Mapra.
 Agosto: 25.

Veiu hoje carta do Reinaldo dos Santos,
 em resposta á minha de 7 deste mês.

Muito amavelmente, escusa-se á
 oração principal para o que o convidá-
 mos. Apenas, em nome da Academia

das Belas-Artes, irá dizer duas palavras.
Duas palavras, simplesmente...

Ora ele, meu Jaqueiro ultimo, aceita
o convite para a oração principal e pare-
ceu-me lisonjeado. Porque se escusa,
agora? Diz que andou pelo norte e por
isso só ha dias recebeu a m.^a carta; teria
ele ido a Coimbra e falado com os seus
pares universitarios?

Tenho impressão vaga de que ha miste-
rio em tudo isto — e lutar com fantasmas
é difficil.

Vem hoje nos jornais o decreto que re-
ferua o ensino tecnico.

Ha vinte e tantos annos, o Pires Mon-
teiro, então ministro do Commercio, creou
ou ampliou uma escola industrial de
modelação e cerâmica, em Lisboa, a que
foz o nome de Antonio Augusto Goncal-
ves e dela foi seu primeiro director o es-
cultor Ant.^o da Costa Mota Salgueiro. Veio
o 28 de Maio e, em algumas referencias,
passáram a escola para Estremoz, isto
é, deram á escola de Lisboa o nome de An-
tonio Arroio e á de Estremoz o do Goncal-
ves — maneira de um dia este nome
desaparecer, suavemente, sem ninguém
dar por isso.

Pois veio agora a occasião. O Decreto-Lei que reformou, naturalmente de cima a baixo, o ensino técnico, fez desaparecer o nome de Ant.º Augusto Gonçalves da escola de Estremoz...

E p.º accentuar, o mesmo Decreto-Lei criou em Coimbra uma Escola Técnica Elementar, além da de Bragança que continua a ser Industrial e Commercial. E que a outra nova ficou com o nome de Escola Técnica Elementar de Marcos Pires.

O nome de Antonio Aug.º Gonçalves desapareceu de vez...

E ainda outro assunto: Escrevi ao Sr.º Nogueira Gonçalves dando-lhe parte da recusa do dr. Reinaldo dos Santos. E preguntava-lhe se quem é que havia de substituir este cavalheiro na sessão plene da Camara? E com certos comentarios acerca da Escola Livre e acerca da reforma do ensino técnico a que acima me refiro, terminava a epistola: «... e cá vou, neste retiro, lendo "a imaginação e a paciencia com as contrariedades e, por acaso, lendo e meditando, neste momento, o tratado de Sene-cruide de Cicero, como infeliz causação. Que se ha-de fazer?..." etc.

As coisas começaram a complicar-se.
 E a m.^a desconfiança relativamente a certas
 influencias misteriosas vai crescendo.

Ver-se-ha.

Paz. Mafra.

Agosto: 26.

Escrevi também ao Costa Rodrigues, de
 Coimbra acerca do mesmo assunto da carta
 dirigida ao P.^o Nogueira Gonçalves.

Com ~~este~~ o Costa Rodrigues fui mais
 franco e franco que me dê ideias. Temo, jo-
 reu, a ver se ele as tem...

Agora, o problema é organizar a res-
 pta da Camara.

É claro que tive que responder ao dr.
 Reinaldo dos Santos. Agradecia a resposta
 dele e congratulava-me com a promessa
 da sua assistência á pessoa... Estas coi-
 sas tem de ser assim, tem contra o meu
 feitio e a m.^a vontade.

Mas, enfim: o Felix Pereira assim re-
 comenda.

Paz: Mafra.

Agosto: 28.

Nos jornais de hoje vem a noticia da
 morte do professor José Julio Rodrigues, no
 Brasil, para onde voluntariamente se exi-

lára pela segunda ou terceira vez. Esta notícia impressionou-me, não pelas relações pessoais que eram muitas das minhas, pelas evocações que provocou.

Este José Julião, conheci-o em Coimbra há bons 50 anos; morava numa casa ha muito demolida, em frente á farmacia do Castelo. Estudava na Faculd. de Filosofia em que se formou e era, então, grande apostolo da musica de Wagner da qual tocava trechos em violino com certa competência e vibração.

Alto, magro, nervoso, grande falador, tinha sempre largos gestos, mesmo certa exuberancia de vida que o impunham a todos com simpatia.

É claro que a Brisosa, a parte academica das fraxes e das patiscadas, trocava-o e muitas vezes o disfrutava, dada a sua natural bondade e alguma ingenuidade. Mas entre os rapazes com tendencias intellectuais era muito estimado, apreciado e até procurado.

Eu frequentei o seu quarto algumas vezes em companhia do Ant.º Aurelio da Costa Ferreira, ouvi-lhe os discursos inflamados contra o atraso da mentalidade portuguesa e ouvi-lhe, tocados com entrecimmento, bastantes trechos wagneria-

nos que ia acompanhando com a respectiva interpretação.

Eu gostava, rapazola como era, avido de conhecer e compreender, de ser nas noites no quarto modesto do Largo do Castelo, á luz dum fraco cadeeiro de petroleo; as suas viagens, e certa cultura literaria e musical, davam relevo ás conversas em que ele dominava sempre e que para mim constituiam regozijo enorme que a m.^a imaginação inquietá aumentava quanto podia.

Depois de formado, o José Julio desapareceu da m.^a vista. Lembro que entrei no professorado liceal. Mas não o tornei a ver por m.^{to} tempo.

Proclamada a Republica, houve qual-quer mal-entendido que o levou a expatriar-se e foi para o Brasil. Lembro-me de que ele não era, em Coimbra, um conservador, quando estudante; mas fiquei fazendo dele a ideia dum insatisfeito, dum inquieto, dum eterno inconformista. O seu desemprego poderia ter desgosta-



Dr. José Julio Bettencourt Rodrigues

1591
do certos fanáticos e daí o exílio voluntário. Não sei bem o que ~~se~~ houve; o certo é que, pelo Brasil andou, entre o Rio e Pernambuco, assim como em Portugal percorreu vários e variados liceus.

Parece que tinha doenças deambulatória, constante insatisfação.

Ha tres ou quatro annos, appareceu em Coimbra, convidado para fazer umas conferencias no Instituto. Era, então, professor num liceu do Porto e dedicava-se, com o musicographo Arnaldo Leça, á recolha da musica e temas musicais portuguezes.

Gostei de o ver e fui ouvir as duas conferencias. Não lhe falei, segundo o costume; e ele em me não conheceu já em me não ligou importancia.

As conferencias foram m.^{te} interessantes: uma acerca do Brasil, outra sobre a musica popular portuguesa, com a colaboração, ao piano, do Arnaldo Leça.

Como tivesse dito ao dr. Gervásio da Costa Lobo (que o hospedou em sua casa) que ele fãra, noutros tempos, um propagandista da musica wagneriana, que no erar que aquelle lhe dissesse, em conversação, qualquer coisa, porque na segunda conferencia, ele, como coisa natural, fez

naquella referencia ao facto, e alegou o entusiasmo da mocidade e a turbulencia das primeiras impressões, e disse isto como quem repudiava esse periodo de apreciação musical um pouco exaltada.

Achei graça á allusão, que pareceu uma rectificação a qualquer jeito que qualquer dos presentes tivesse a seu respeito.

O que é certo é que morreu. É este arauzel que aqui deixo sem a proposito das recordações que me causou a morte do velho entusiasta, com todo o cortejo de considerandos acerca do que é a vida e de como se passaram uns 50 annos (meio seculo!) mais meus meus mais sem que eu veja motivo p.^o me alegrar.

Seriam bons tempos, esses, em q. eu seria desvanecido a ~~romantico~~ romantico romantico do Tanziuser tocada no violino pelo José Julio ou a marcha nupcial do Lohengrin? Este habito de dizer «bons tempos» aos tempos da mocidade, terá, no meu caso, fundamento? Duvido muito. Realmente, tempos de meus encargos, de des preocupações — mas não sei se de mais alguma coisa.

Pobre José Julio! Insustentado, espirito requintado, temperamento de artista que nunca se fixou em qualquer forma de ch.

te, viveu sempre em busca de qualquer coisa melhor — que creio nunca encontrou. Isto é: encontrou agora. Mas a morte encarregou-se de lhe assegurar o espírito e de lhe encontrar o perfeito equilíbrio.

Paz: Maíra.

Salémuro: 7.

Receli hoje cartas do P.^o Nogueira Gonçalves e do Costa Rodrigues, respostas ás minhas ultimas.

Este faz considerações literarias e deixa certos conceitos curiosos, mas não passa disto. O outro, o Padre, tambem faz alguns considerandos mas é mais positivo pois entende que não devemos desanimar e que, para prestigiar o Reinado dos Santos, temos o Costa Rodrigues que pela sua categoria social e pela sua forma correcta de escrever, poderia, de certo modo, preencher a falta.

Eu já tinha pensado nisso e quero crer que os colegas da comissão aceitarão de bom grado o nomeado. Por muito que se considere o Costa Rodrigues pessoa capaz de fazer uma conferencia em termos, a verdade é que não tem o nome ou o prestigio do Reinado dos Santos.

Enfim, adeante. Teremos que nos con-
tatar com a grata da casa.

Paz: Mafra.

Setembro: 3.

No ulto numero de O Despertar hoje
chepado aqui (n.º 3178 de 1 do corrente) vem
uma pequena cronica assinada por Jota
Elle que creio ser um José Leiros do bair-
ro de S.ª Clara. Nessa cronica ataca a ne-
cessid. de Coimbra ter uma sala para ex-
posições e lembra a Torre de Almeida au-
de esteve a Escola Livre, actualmente
em obras e entregue á direcção dos Mo-
numentos.

O autor põe a questão de maneira
amavel, sem parecer levar segredo pe-
tido. Mas eu acudo tão desconfiado...

O recorte fica no final do volume, a
pag. 404, para lembranças e... para a
historia da Escola.

Paz: Mafra.

Setembro: 4

O n.º 3 da Revista Militar chegado hoje
aqui, traz uma novidade curiosa que eu
não sei como explicar.

O fasciculo é dedicado ao centenário
da restauração de Ayola e traz varios

artigos relativos aos successos do tempo. O da abertura é do Norton de Matos e refere-se ao outro do almirante Botelho de Souza que termina a meio da pagina 449; pois para preenchimento do resto da pagina, usou uma frase de « El-Rei D. Carlos » pronunciada em 1807 na recepção do Almirante Boscadas, frase banal, sem intenção escriptura.

Porque usou esta inovação?

Segue-se outro artigo muito pequeno que termina no prim.º terço da pagina 451, da autoria dum capitão hoje governador de Timor; pois novamente para preencher os outros dois terços da pagina, usou tiradas do mesmo « El-Rei D. Carlos » sem qualquer valor ou conceito.

Que diabo de mosca morderia o Pires Monteiro? Porque é que se inaugurou esse sistema de ir procurar frases que nada valem e apenas teem, para chamar a atenção, o nome dum rei?

A Revista Militar infeliza agora ao lado dos que affirmam que D. Carlos foi, de facto, « um grande rei? »

Sera apenas availability para com o Estado Novo?

Mal vamos por tal caminho

Paz: Mafra:

Setembro: 12

Escrevi ao Sr. Wagueira Gonçalves em resposta á ultima dele. Dizia-lhe que concordava com o alvitre e, nesse sentido, ia escrever ao Costa Rodrigues.

Paz: Mafra:

Setembro: 13

Os jornais de Coimbra deram-me a noticia da morte do meu antigo sargento José Simões de Oliveira mais conhecido na guarnição pelo « Sargento Simões. » A Gazeta de Coimbra trouxe, até, a noticia que deixo em recorte⁽¹⁾, noticia de certo relevo que parece caso raro por se tratar de um simples e obscuro sargento.

E contudo, quem deu e escreveu a noticia praticou um bello acto de pura justiça.

Bom sargento Simões!

Conheci-o em 1803 quando fui, como aspirante, para o regimento de Inf.^o n.^o 23. Era ele 2.^o sargento muito recente e já nessa altura, como sargento do pelotão de sapadores, se distinguia pela sua coragem, lealdade e honradez.

⁽¹⁾ No final do vol.^o, a pag. 404.

Quando sentou praça era um pobre pedreiro analfabeto; e pela sua tenacidade conseguiu em pouco aprender a ler e escrever; concorreu a cabo e de tal forma se impoz, que se lhe facilitou a promoção a 2.º sargento, querido por todos, respeitado e apreciado por todos, sempre preferido p. casos de confiança e apontado, como diz a noticia, como exemplo de probidade e lealdade.

Honrado e bom Simões!

Não era inteligente; a sua rudeseza natural não o deixava ser qualquer nem mesureiro; mas talvez isso mesmo o fizesse o correcto sargento que se não misturava com os ruínas, o mantinha afastado de igrejinhas e questunculadas e o impunham como o verdadeiro modelo de honestidade e correccão.

Na sua modestia de iletrado, possuia um bom senso fora do vulgar que o tornava admiravel companheiro no serviço e seguro auxiliar em tudo de que se encarregava.

Isso não é exagero: é simples justiça que me foi provocada pela noticia que hoje li e me impressionou. Ha muito q. andava com vontade de o ir ver a tiras onde morava ha cerca de uns 30 annos,

desde que foi nomeado sargento de Carreira de Tiro; mas o adiamento do meu desejo deu isto: dasimmar agora o não o tornar a ver, ao folhe Simões que era meu amigo a realer.

Quando fui nomeado director da Carreira, em 1923, já ele lá estava. Estava então casado e dedicava á Carreira o mesmo cuidado e interesse que dedicava á sua casa. A administração desse estabelecimento era um modelo, especialmente no rancho dos soldados feito com esmero inexcelsível.

Depositava-se no Simões a maior confiança e com razão. Quando recebeu a medalha de ouro de comportamento exemplar e na ordem regimental foi dado conhecimento, eu e o José M.^o Carrêa Cardoso que era o sub-director, resolvemos dar-lhe a medalha em ouro e entregar-lha com sollemnidade. Eu assistia na sollemnidade que era a melhor maneira de se homenagear o homem; e fizemos o programma que verdadeiramente me esqueceu já. Com as economias particulares da Carreira comprámos a medalha de ouro maciço que, se me não enganar, arcau por uns seiscentos escudos (600\$00) — quantia que para o tempo era importante.

1597
 Parau, a m.^a saída da Carneira, neste
 me a festa; o Carneiro Cardoso guardou
 a medalha, á espera; o general Gomes de
 Sousa que depois comanda a Região não
 concordou com a solennidade que iria rebai-
 xar as suas estrelas prestando homenagem
 a um sarpeuto. Até que o Carneiro Car-
 doso, um dia, foi ter comigo para resolver
 o problema e se a memoria me não fa-
 lha, resolveu-se entropar, particularm.^{te},
 a medalha e dizer-lhe o motivo por que
 se fazia assim.

O Simões ficou sensibilizado. Apa-
 receu-me em casa, modestamente, a
 agradecer a m.^a parte e, exactamente por
 essa altura, qualquer referencia que tocou
 com os sarpeutos, fez com que ele, pela
 sua idade, tivesse de sair da Carneira e
 fosse reformado.

Meteu-se, definitivamente, em lei-
 ras, passou a ajudar á paisana, fez-se
 lavourador. Viu aparecer os netos e na
 sua obscuridade foi vivendo e morren-
 do certo, tranquilamente.

Bom e honrado Simões! Aconteceu
 o que acontece muito neste alegre País:
 eras bom, honrado, dedicado e leal; apre-
 ciavam-te, é certo, mais pela tua utili-
 dade do que por imposição de consciencia

eu por justiça; mas enfim apreciava-
 te enquanto servias p.^a alguma coisa; me-
 lante-te em teiras, desapareceste — nin-
 guém mais se lembrou...

Teu pensamento, se meter a mão na cons-
 ciência, deve sentir-se culpado. Há já
 anos que o não via e sempre esse vanta-
 de de o ir ver.

Enfim, acabou-se. Já não servia para
 nada. O entêro seria cocarrido pela gen-
 te de teiras. Quem é que se incomodaria
 a ir de Coimbra até á aldeia?

Bom Simões, coitado.

Paz: Mafra

Setembro: 19

O meu cartão para a família do cap.^o
 Simões de Oliveira, unica manifestação
 que dei poderis ter, mereceu resposta
 rapida que, pela forma impénua merece
 ser registada.

O cartão de resposta diz assim:

« Afonso Simões de Oliveira / (Filho
 mais novo) / — E no verso: — « Teiras,
 16- Set.^o - 48 / A Família do 1.^o sargento / Si-
 mões agradece e deseja / muito / Saúde
 e Felicidades / (Nunca esquecido). »

Aqui fica para lembrança. Esta fra-
se final « nunca esquecido » entre parên-
tesis, não sei quem a quem se refere: se a
mim, na lembrança da família, se ao
morto que, p.^a os filhos deve ser sempre lem-
brado.

Este bilhete, verdadeiram.^{te}, comoveu
me. Aqui fica p.^a lembrança minha; pa-
ra os outros... que importância terá o car-
tão e a memoria do pay.^{to} Simões?

Paz: Mafra.

O Sr. Pereira: 25. Carta ao Pires Monteiro. Escreve, de-
pois de escrita, p.^a a mãe mandar. Meli-
drar-se-a com o final?

Aqui fica o final que vai escrito com
certo bom humor:

«... Receli o n.^o 8 da Perrista; de
maneira geral, poderei classifica-lo de mo-
desto em relação aos sucessos cujo cente-
nario quiz celebrar. Mas, enfim, não em
responha. Deu foi que o Norton não fi-
zesse coisa maior, com considerandos
de mais amplitude.

« O que estranhei (e com franqueza
lho digo) foi a inclusão de frases do rei
D. Carlos como padrão de conceitos ou de

elevação de ideias, quando, afinal, as frases transcritas são mais do que banais e ditas e reditas como lugares comuns; e ainda o autor, a meu ver, não é criação de especial autoridade p.^a modelo do que quer que seja.

« Não seja misto qualquer folião de velho republicano; mas é que eu não considero D. Carlos com categoria p.^a por citação desses quadrinhos onde só devem figurar nomes de gente que deu provas de saber, de carácter e de bom senso. E demais, que diabo!... »

— Viva a República!

E com esta não sei mais. Creia-me sempre, etc. »

O Pires Monteiro não vai gostar do resumo. Mas tenha paciência. Também eu não gosto de muita coisa.

Eu já, aliás, me referi a este caso. A importância não é de maior, mas sempre é bom ir lembrando.

E vamos a ver como ele explica este « grande e horrível crime » de na verdade foi ele quem teve a ideia bem infeliz da citação de tais frases.

E mais nada.

1598 v^o

no almanaque Paz: Mafra. Setembro: 26.
 Receti hoje o n.º 3185 de O Despertar, de
 Coimbra, que na secção semanal d' esqui-
na de Saúda, do Octaviano de Sá, traz
 um paragrafo alusivo a Escola Livre.
 Guardo-o p.ª a historia, no final do volu-
 me. (1) Fala-se num protesto do Alferbino
 Marques serralheiro artista contra o aban-
 dono da dita Escola e o autor da secção
 refere-se em saude e não trata muito
 bem o protestante.

Esperemos pela Gazeta se de natural
 mente virá o protesto; mas o mais interes-
 sante é ver a solicitude com que o illustre
 Octaviano, presidente (!!!...) da Escola Li-
vre vem em auxilio da mesma, mas de
 maneira dubia, incerta. Fica-se sem sa-
 ber se realmente a Câmara dá ou não dá
 a doze de Alameda para a Sociedade de De-
fesa e Propaganda.

O tempo dirá e ficaremos então a sa-
 ber qual o estôfo destes cavalheiros. E eu
 continuo a dizer que aqui anda manolva
 do Madail.

Pode ser que não, mas pode ser q. sim.
 O Madail é capaz de nos comer a todos...

(1) A pag. 405.

Paz: Mafra.

Setembro: 30.

O Pires Monteiro escreveu... acerca das frases do D. Carlos a que me referi já umas duas vezes, deu-me a impressão de que se doeu. Fala-me em tolerancia, no facto de as frases serem dirigidas a soldados de Africa e... confessa que foi ele quem as escolheu.

Fiquei arrependido e com jeus de o molestar mais, enfim, a minha piada lá ficou e as razões não me convenceram. É natural que o caso se não refita.

O Pires Monteiro tem ás vezes certos criterios que me parecem infantis, duma simplicid.² que me surpreende.

Bondade? Pouca visão? Fraca clareza de intelligencia?

Agora tenho que dar a m.^a opinião sobre o In Memoriam do Sebastião para a nota bibliografica da Revista.⁽¹⁾ Ainda não pensei nisso mas oxalá não vá eu ter qualquer abarrecimento. Não tenho, porém, coragem para recusar a sollicitação que me foi feita tão amavelmente.

(1) In memoriam. 1.^o centenario do nascimento do Gal. Sebastião G. de Sousa Teles.

Suplemento:

De pap. 327

— Tenho para mim como certo que a eficiência e prestígio do Exército condenam a intromissão da força armada na vida política da Nação. Mas se elementos, quer internos, quer vindos do exterior, procurassem anular o prosseguimento de uma obra que só cegos de espírito não querem ver e tentassem deter o prosseguimento dessa obra, ninguém poderia estranhar que o

Exército agisse novamente para que não se perdesse o trabalho efectuado e não se voltasse à balburdia administrativa que há cerca de quase um século imperava à data do 28 de Maio.

E dessa forma procederia sem delongas, porque o Exército é a Nação e esta, que existe há oito séculos, quer viver altiva e independente enquanto o mundo for mundo.

De pap. 327

Recorde-se ainda que, quando Hitler invadiu e ocupou a Austria, governada por um regime-demo-cristão, dirigido por Dolfuss e, depois do assassinato deste, por Suschnigg, ergueu-se a voz do cardeal Inzner, arcebispo de Viena, para dizer aos austriacos: «Recebei os alemães como vossos irmãos de sangue».

Para proceder ao desmembramento da Checoslováquia, teve Hitler dois auxiliares valiosos: Monsenhor Hacha e Monsenhor Valosin. Mas Adolfo Hitler, que fora levado ao poder pela mão amiga de von Papen, um membro dos mais categorizados do partido católico alemão, não soube reconhecer a generosidade e perseguiu a Igreja e o mundo católico.

Se a Igreja, pelo seu carácter universal, que lhe impõe o reconhecimento das situações de facto, teve que usar de tão larga generosidade para com o nazismo, no mundo católico leigo ergueu-se o pendão da revolta contra o despotismo nazi.

O Centro Católico de Paris, sob a direcção de Monsenhor Suhard, transformara-se num centro de combate às novas ideologias bárbaras.

O Partido Popular (católico) da França, chefiado pelo sr. Champetier de Ribes, enfileirou na primeira linha de combate contra o nazismo, em que se distinguiu um dos seus membros mais categorizados, o sr. Bidault, pelos seus editoriais em «L'Aube».

De pag. 341.
Publicaciones

DESPORTOS

Bancada
Central

Sector C

PAR



C. M. L

Pavilhão dos Desportos

-1. JUN 1948

BANCADA CENTRAL 20\$00

Entrada-Porta 6

(PAR)

Sector C

Fila G

N.º 30

Da pag. 364

**A PROPOSITO DOS VOTOS
DO CONGRESSO BEIRÃO**

**O PRIMEIRO
LIVRO
IMPRESSO EM VERNÁCULO**

Do nosso prezado amigo e ilustre historiador prof. dr. Queirós Veloso, presidente da Comissão de Bibliografia Geral Portuguesa, recebemos a seguinte carta:

«Acabo de ler, no «Diário de Notícias» de hoje, que o VIII Congresso Beirão resolveu colocar uma lápida no paço do bispo da Guarda, «D. João Manuel, filho de El-Rei D. Duarte, onde, pela primeira

vez, se imprimiu em vernáculo, em 13 de Outubro de 1461».

A Academia das Ciências de Lisboa publicou, em 1941, o 1.º volume da *Bibliografia Geral Portuguesa (Seculo XV)*, obra recebida em Portugal e no estrangeiro com os maiores louvores, da qual consta o seguinte:

a) O primeiro livro impresso em vernáculo foi a célebre *Vita Christi*, impressa em Lisboa, de 14 de Maio a 20 de Novembro de 1495, pela parceria Nicolau da Saxónia — Valentim de Morávia.

b) Durante o século XV não houve na Guarda nenhuma oficina de impressão. Houve-as apenas em Faro, Lisboa, Leiria, Braga e Porto.

c) O mais antigo incunábulo português é o *Pentateuco* hebraico, acabado de imprimir em Faro, a 30 de Junho de 1487. O mais antigo incunábulo espanhol parece ser de 1474. Em toda a Península, a data de 1461 é pura fantasia.

A proposito, direi ainda que não há nenhuma prova decisiva de que D. João Manuel, bispo da Guarda, fosse filho bastardo do austero rei D. Duarte.

Do *Diário de Notícias*
de 1 de Agosto de 1948

De pag. 370.

**O PRIMEIRO LIVRO
impresso em vernaculo**

Do sr. dr. Alberto Dinis da Fonseca, presidente da Camara Municipal da Guarda, recebemos uma carta, em resposta á que o sr. dr. Queirós Veloso aqui publicou em 1 do corrente, contestando que na Guarda, pela primeira vez, se imprimisse em vernáculo. Mostrámos esta carta ao sr. dr. Queirós Veloso, que nos declarou o seguinte:

«O sr. dr. Alberto Dinis da Fonseca diz que «ninguém falou em livro impresso», mas numa Carta Executoria de D. João Manuel, bispo da Guarda, citada pelo dr. Ribeiro dos Santos. O proprio dr. Ribeiro dos Santos considera, porém, que a palavra «impresso» se refere ao selo e não á carta. O que posso afirmar ao sr. presidente da camara da Guarda é que em 1461, não havia, tanto em Portugal como em Espanha, nenhuma oficina tipografica para livros ou para cartas».

E o «Diário de Notícias» põe desta forma ponto final no assunto.

De pag. 389.

Os meus postais

Coimbra — sacriário de Arte

Fundou-se há muitos anos em Coimbra a Escola Livre das Artes de Desenho, onde aprenderam os seus primeiros ensinamentos de Arte tantos dos artistas que não residem nesta cidade, abalando para outras terras, onde tiveram, talvez, mais sorte, e sejam auxiliados, o que não seriam na sua terra natal, tão ingrata para os naturais

Mas este instituto de educação artistica, passados anos após a sua fundação, tem passado uma vida, pode dizer se, quase abandonada. Poder-se-ia, pois, aproveitar essa casa, para nela se instalar uma exposição permanente de tantos trabalhos aqui executados, e cujos idealizadores se vêm na contingência de os expôr nos diversos estabelecimentos e muitas vezes para o reclamo que o assumo merece. Mas não. Prefere-se ter fechada a Escola Livre do que aproveitá-la, quanto mais não seja, para tornar conhecidas do público as obras dos nossos artistas

De pag. 391.

José Simões de Oliveira

EIRAS, 2 — Com 73 anos de idade, faleceu ontem nesta antiga vila, José Simões de Oliveira, 1.º sargento do exército (reformado), natural da freguesia de Ventosa (Mealhada).

O extinto, que foi um bondoso chefe de família, era muito considerado nesta localidade, onde residia há dezenas de anos, pelo seu trato afável, delicado e digno.

Militar disciplinado, leal, correcto e trabalhador, elevou-se pela sua força de vontade e pelo seu esforço, pois que, quando em 1894 foi alistado no 1.º batalhão do Regimento de Infantaria n.º 23, não possuía nenhuma habilitação litterária.

Era condecorado com as medalhas de cobre e de ouro da classe de comportamento exemplar e teve vários louvores, um dos quais

bastante elogioso, no dia em que completou 30 anos de serviço militar, pois que nele se declara nunca ter tido nota alguma disciplinar, é classificado de auxiliar valioso e de confiança, é declarado como digno de ser apresentado ao exemplo e consideração dos seus camaradas, se lhe afirma elevado apreço, consideração e estima de todos os officiaes com quem serviu.

Prestou serviço bastante tempo na Carreira da Guarnição, o que lhe mereceu louvor, onde consta que serviu com inexcedível zelo, dedicação e honradez.

A sua morte foi muito sentida por todos os que com ele privaram, sentimento que a larga concorrência ao seu funeral, hoje realzado para o cemitério desta freguesia, bem patenteou.

A família e lutada as nossas condolências. — C.

De pag. 378.

Um protesto

O distinto artista do ferro, sr. Albertino Marques, com os seus méritos, sem dúvida que alcançou certa categoria, honrando muito a classe a que pertence. Muito embora não seja associado da Escola Livre das Artes do Desenho, impressionou o vivamente o facto duma resolução camarária que poderia prejudicar aquela colectividade, e veio à imprensa local manifestar o seu protesto.

Com absoluta razão?

Talvez no caso exista um simples equívoco.

O edificio da Torre de Almedina tem dois pavimentos. No primeiro funcionou durante algum tempo a Universidade Livre. Esse já não pertence, há muito, à Escola Livre das Artes do Desenho. Está sem destino próprio.

No pavimento superior funciona e funcionará aquela Escola de honrosas tradições. Aguarda somente que as obras de conservação entregues à repartição dos edificios e monumentos nacionais, se conclua.

Isto já foi motivo de troca de officios entre a direcção daquela Escola e aquela repartição, documentos publicados no periodico local «Gazeta de Coimbra».

Por consequencia, em caso algum, a Câmara poderia fazer cedencia, ainda que provisória, à Sociedade de Defesa e Propaganda, dum pavimento em obras, e além desta razão, occupado por uma agremiação com existencia legal.

Os receios do sr. Albertino Marques, são sympathicos, mas não passam de falso alarme, por que não é de querer que o presidente da Câmara Municipal, sr. dr. Sá de Oliveira, nem o presidente da S. D. e Propaganda, sr. dr. Fernandes Martins, tivessem o propósito de inutilizar uma agremiação que honra Coimbra e os seus Artistas, como é a Escola Livre das Artes do Desenho.

E nem a sua direcção, aguardando que lhe seja restituído pela repartição dos Edificios e Monumentos Nacionais, o pavimento desoccupado unicamente para obras, deixaria passar em claro qualquer manifesto atentado à continuidade duma obra com raízes profundas nos artistas desta terra.

...problemas de ordem social...

Comunidade de Coimbra
...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

CRISTIA DA VIDA — ...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

Falsetamento — ...problemas de ordem social...

Reprovação — ...problemas de ordem social...

Velho de S. Francisco — ...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

...problemas de ordem social...

Anos

1944:	Janeiro - Dez	1 - 31
1945:	"	32 - 60
1946:	<u>Indices</u>	61 - 100
1947:	"	101 - 274
1948:	"	275 - 379

- I : Anos
- II : Nomes proprios
- III : Varia.

II

Nomes proprios

<u>Alfama</u> (paróquia de Mangalá de) :	250 - 259
<u>Alfama</u> (paróquia de) :	74, 75 - 107
<u>Alfama</u> (paróquia de) :	280
<u>Alfama</u> (paróquia de) :	275 - 280
<u>Alfama</u> (paróquia de) :	7 - 9, 10 - 17, 75 - 107 - 108
<u>Alfama</u> (paróquia de) - V. Alfama	
<u>Alfama</u> (paróquia de) :	17, 20 - 24, 31 - 34, 40 - 47, 77 - 81, 117 - 122, 128 - 132, 140 - 152, 167, 170 - 173, 187, 190

Indices

- I. Index
- II. Index
- III. Index

283 558, 705, 808, 871, 871, 871, 871, 871
-505, 872, 872, 872, 872, 872, 872, 872
872, 872, 872, 872, 872, 872, 872, 872

I

Bayo { Bairros } Anos: 1 a 399

- 1944: Janeiro a Dez. ^{ano} 1 a 38
- 1945: " " " 39 a 110
- 1946: " " " 111 a 183
- 1947: " " " 184 a 274
- 1948: " " a Set. ^{ano} 275 a 399.

II

Nomes proprios

- Alves { Jose's Antunes Marques de } : 360
- Acacio { Caetano Meiro } : 94, 95 e 105
- Albuquerque { Afonso de } : 380
- " { Fernando de } : 379-380
- " { Maria de } : 7-9, 10-13, 76 e 142-143.
- Almeida { Alvares de } : Vide Monteclaro
- " { Laurenço Chaves } : 17, 28-30, 39-40, 66-69, 77-81, 117-122, 128-132, 150-152, 157, 160-162, 173, 189-190,

192, 194, 198-199, 200, 207, 223-26,
232-236, 237, 238-239, 273, 294, 302-
303, 305, 316-318, 346-350, 357-358,
369 e 377.

- Almeida (Dr. Lucio de): 325
 " (Dr. M.^a Lopes de): 209, 291 e 371-72
 80 " (Raul Agostinho de): 259-261
 101 " PE (Dr. Vieira de): 135. : 24 PT
Alves (P.^e Franc.^o Manuel): vide Bacal
 " (Professor Lima): 96 : 74 PT
Amaral (Diamantino Antunes de): 221-222
Amaro (Eusebio Goncalves): 307-309
Auelis (D.), rainha: 72
Andrade (Dr. Manuel de): 325.
Antunes (D. Antonio), bispo: 362-363
Apirá (Cauano^{te}): 137
Araujo (M.^a Gama de): 352 e 355.
Aruoso (Cande de): 340 arroz
Aurelio (Marco): 135.
Auskria (D. Joao de): 253, 254-255 } arroz
Bacal (Alade do): 264 e 270-272 } arroz
Barata (Jose), caudeiro: 130 arroz
Barradas (Liberio): 266-270 " "
Barreiros (Velez): 170 " "
Barres (Maurice): 374 " "
Barreto (Dr. Fernando Bissau): 309-310 " "
Barros (Dr. Joao de): 336-338 " "
 50 " 801 (Leitao de): 163-164 " "
Basto (Artur de Mapalhas): 42

- Basto { Dr. Claudio } : 211
 " { D. Flaminia } : 211
Batalhão { Dr. Carlos } : 23
Bestourense : 341
Beja { Bispo de } : ver Dias (D. José)
Belo { Comandante } : 283
Berlin, ministro imples : 99 e 125
Bonnard { Sylvestre } : 65 e 79
Borges { G.^{al} Fernando } : 31
Barodine, musico russo : 341
Botelho { G.^{al} José Justino Teixeira } : 27, 158,
 159, 284, 312 e 344.
Bourget { Paul } : 141.
Bourmont, marechal : 169-170
Brapa { Alberto Vieira } : 202-203, 345-346 e
 376.
Brapa { Arcelício de } em 1946 : 125-126
Braundão { Dr. Mario } : 291
Braz { Henrique } : 138-139.
Brotero { Felix do Avelar } : 35.
Coateral { Tasso de Miranda } : 216.
Câmara { Leal da } : 363.
Cauases { D. Dionisia } : 210-211.
Caupos { M.^{al} Baeta de } : 92 e 103-105
Cardoso { Joaquim }, tireiro : 166-167, 187-
 188, 191 e 221.
 " { José Maria } : 53-54
 " { " " Correira } : 393-394.
 " { Mario } : 154-155 e 250-252.

- Carlos I (Dom): 320, 396-397 e 399
- Carmona {Ant.º Oscar Figueiredo}: 96, 185-187, 231-232, 331, 343-345 e 353-354.
- Carvalho {Dr. Alberto Martins de}: 92-93 e 103-105.
- " {Dr. Alfredo de}, Prof.^{ma}: 42-43.
- " {Dr. Anselmo Ferraz de}: 76-77, 79, 92, 109, 116-118 e 325.
- " {G.^{al} Franc.^o Aug.^o Martins de}: 217 e 219.
- " {Dr. Joaquim de}: 127, 135, 159-160, 165-166, 217 e 325.
- " {Dr. Joaquim Martins Teixeira de}: 16, 64 e 221.
- Casimiro {Augusto}: 163-164 e 255-257
- Castro {Alvaro de}: 329.
- " {Baltazar de}: 235
- " {Domíngos João de}: 7-9, 14, 43-44, 48-49 e 75-76 : (original?)
- " {Augusto de}: 32-33
- Carejeira {Manuel Gonçalves}, Cardeal: 71, 101, 102, 145-146 e 155.
- Churchil {Wiston}: 125.
- Cicero: 374 e 382
- Cidade {Hervani}: 286
- Coelho {Dr. Possidonio Saraiva}: 113-115 e 264
- Correia {Dr. Maximino}: 225-227, 235-236, 295, 296-297, 300-302, 316-317, 348, 365-366
- Correia {Dr. Vergilio}: 15-19, 25-26, 52-53,

- 63-66, 180 e 380.
- Costa { C.^{el} Eduardo }, de E. M. : 228-229
- " { Fernando dos Santos } : 30-31, 56, 112, 124, 187, 204, 240, 292-293, 330, 333-334, 343-344, 345, 352 e 355.
- " { Dr. Ferreira de Costa } : 90-91 e 98.
- Costo { Dr. João Rodrigues da S.^a } : 117-118, 121, 130, 132, 273-274, 294, 381, 318, 347-350 e 373.
- Couveur { Empenh.^o Paul de Costa } : 300, 317
- Coudinho { F.^{el} Fernando Per.^a } : 186-187 e 273.
- Cruz { António }, Lic.^o Letras : 297.
- Cunha { Ant.^o Luis da } : oficial Inf.^o : 216.
- Curtis { Amílcar Barnada } : 324.
- Dalgado { Mousenhos Rodolfo } : 379-380.
- Daudet { Alphouse } : 291.
- Dantas { Julio } : 337.
- Descartes : 165.
- Dias { Henrique de Carv.^o } : 188-189.
- " { Dr. Jaime Lopes } : 368
- " { Dr. João Pereira } : 227, 236, 295-297, 318, 348-349, 361 e 367
- " { Dr. José do Patrocínio } : 67, 137.
- Dionísio { Dr. Sankaus } : 75.
- Donato { José Ernesto Marques } : 291.
- Duque { Dr. Mario Soares } : 50
- Eduardo VII, rei de Portugal : 340.
- Estaline : 73 e 75.
- Estêves { C.^{el} Paul } : 263 e 356-357.

- Faio, alfaiate, de Coimbra: 59.
Felipe (Guilherme), pintor: 100.
Fernando (Dom), II, rei: 336 e 340.
Ferreira (Ant.º Aurelio da Costa): 380 e 384.
Ferro (Antonio): 34.
Figueiredo (Dr. Ant.º Marquês de): 375-376.
 " (Dr. " Marçaria de): 265-266.
 " (Cristovão Marçaria de): 266 e 268.
 " (Fidelino de): 63.
 " (Dr. José de): 16.
Fonseca (Alvaro de): arquiteto: 52.
 " (Nicolau de): 295.
 " (Tomás de): 86 e 177.
Fontes (Ant.º Maria) Pereira de Melo: 290.
França (Salvador Pinto da): 205-207, 208, 231-
 232, 319-321 e 333.
França (Anatole): 65 e 77.
Frazão (Mario de Mendonça): 82-86.
Freire (Luciano): 17.
Freitas (Adolfo de): 24-26, 28-30, 176 e 359.
Garrett (Almeida): 217.
Garrett (de Vega y): 374.
Girão (Dr. Aristides de Amarim): 23-24 e 212.
Godinho (G.º José Garcia Marques): 292-293.
Gonçalves (Antonio), Linçeiros: 41 e 342.
 " (Dr. Ant.º Anastácio): 183.
Correia (Ant.º Augusto): 6, 16-18, 24-26,
 29-30, 70, 76-77, 77, 192-194, 221, e
 277-280.

- Gonçalves {Ant.º Augusto}: Flomenoparei de
 "O Fustigado": 76-77, 77, 78-81, 115-
 121 e 177.
- " {Ant.º Augusto}: Centenario: 120-
 122, 122-123, 128-132, 138, 171-182,
 182, 187-191, 194-196, 200-201, 213-
 214, 218, 223-227, 232-241, 272-273,
 273-274, 276-280, 294-297, 299-303,
 305-307, 310, 315-318, 328, 346-350,
 357-362, 364-371, 373-374, 380, 382,
 383 e 388.
- " {P.º Antonio Nogueira}: 52-53, 117,
 128-132, 177, 179-181, 189, 190, 194, 198-
 200, 207, 213-214, 223-226, 235-236, 241,
 272-273, 295, 300, 346-350, 357-358, ~~359~~,
 358-362, 374 bis, 382, 388 e 391.
- " {Dr. Caetano}: 338
- " {Fausto}, Pintor: 116, 117, 118 e 120
- " {Dr. Franc.º Rebelo}: 204, 209, 212, 214-
 215, 219, 275-276, 282, 286 e 325.
- " {Dona Libânia}: 178.
- Gouveia {Dr. Adrogado em Lisboa}: 267.
- Guerreiro {Ant.º Mauteira}: 23.
- Haydn: 329.
- Heitorinho: 150-151.
- Herculano {Alexandre}: 68.
- Horacio: 254.
- Hübner: 250-251 e 375.
- Juans {Duartê}: car.º: 207.

- Jacinto (Dr. Diriz): 93, 103-105
Jungueiro (Guerra): 377
Kalidasa, poeta indiano: 379.
Kock (Paulo de): 256
Lacerda (Araújo de): 63-66, 79, 117, 118 e 130.
Lamauche (André): 135.
Leal (Dr. Apolinário José): 197-198.
 " (Augusto de Azevedo Pinho): 200.
Leça (Armando) musicógrafo: 386.
Leibnitz: 159, 166-166.
Leitão (Joaquim): 338.
Lemos (Alvaro Viana de): 128-132, 174, 189,
 190-191, 200, 223-226, 235, 294-296, 300-
 301, 316-318, 346-350, 358-362, 368 e
 373-374.
 " (Dr. Leyscio de): 295, 300.
 " (José): operário: 389.
Lima (Dona M.^a de Sousa): 313-315.
 " (Florencio Ferreira): 50-51, 171, 183, 195,
 216-218 e 219-220.
 " (M.^a Florencio de Sousa): 321-323 e 331.
 " (Dr. Pires de): ministro: 209.
 " (Dr. Silvio): 325.
 " (Dona Vera de): 130, 239, 301 e 347-348.
Lolito (Geruário): 256.
Lobo (Dr. Fausto Ferreira): 23
 " (Dr. Franc.^o Miranda da Costa): 3-5 e 49.
 " (Dr. Gernersindo da Costa): 1-3, 107, 118,
 128-132, 190-193, 225, 226, 235-236,

- 294-296, 300, 301-302, 316-318, 346-350
 351, 181, 358-362, 364-367 e 386.
- Lopes { Fernando): 55-56 (nota); 77 e 229.
- " { João }, capitão : 72 e 144-146.
- " { Joaquim }, Professor : 349-350 e 359.
- " { Joviano } : oficial do ex.^{to} : 112
- Lauraino { Dr. José Pinto } : 174, 223-224 e 235.
- " { Dr. Fernando Pinto } : 243.
- Macedo { Fernando } : 93-95.
- " { D. Luis de Sousa de } : 73 e 330.
- Machado { Bernardino } : 31.
- " { Fernando Pais Belas de Ulhoa } : 153.
- " { João }, Pai : 130, 191 e 221.
- " { João }, Filho : 81, 128-132, 190-191,
 223-226, 235-236, 238-239, 294, 300-
 301, 316-318, 328, 346-350 e 358-362.
- Madaíl { Ant.^o Gomes da Rocha } : 7, 19, 130,
 138, 172-182, 182, 189-196, 198-199,
 200-201, 207, 213-214, 218, 224-225,
 232-234, 237-238, 238, 261-262, 272-
 273, 291, 302-303, 317-318, 357-358,
 358, 361, 367, 374-375 e 398.
- Madureira { Joaquim de } : 130 e 171.
- Mais { Fernando da Costa }, major : 200.
- Mauzo { Dr. Joaquim } : 337-338.
- Mantã { Abel } : 329.
- Mantero { Henrique } : 347 e 366-367.
- Manuel { D. Saucha } : 255.
- Marques { Albertino } : ferreiro : 166-167 e 398.

- Martins {Alfredo Fernandes}, Pai : 19, 20,
 116, 117, 118, 120, 173, 174, 177, 181, 182,
 190-192, 194, 195-196, 200-201 e 375.
 " {Franc.º José da Rocha} : 100, 334-336,
 338-340 e 340.
 " {João.º Pedro de Oliveira} : 229.
 " {José Frederico Ferreira} : 342 e 378-
 380.
Matos {Franc.º da Cunha} : 328.
 " {General Norton de} : 229 e 320.
Mauricio {André} : 323.
Mayer {D. Geonovus de Lima} : Vide Vava
de Lima.
Meira {Alberto} : 130, 301, 349.
Melo {D. Franc.º Manuel de} : 56 e 220.
 " {Guilherme de} : medico : 263.
Mendes {Fradique} : 267 e 268.
Merêa {Dr. Manuel Paulo} : 368.
Miranda {Franc.º de Sá de} : 66, 171, 183, 195,
 198.
 " {Paul de} : 29.
Mitridates : 299.
Moldea & C.ª : 317, 346-347, 360 e 355-367.
Moriz {Coronel Botelho} : 96.
Mouraz {Alberto} : 65.
Montaigne : 256.
Monteiro {Sleuriq. Pires} : 10-14, 24, 26-27, 33-
 35, 36, 37-38, 47-49, 50-52, 124-127, 132-
 137, 140-150, 153-154, 158-160, 162-163,
 164-166, 185, 186, 195, 207, 216-217, 220,

- Rodrigues 228-230, 242, 244-247, 262-263, 282,
289-290, 297-299, 311-313, 318-321, 333,
351-352, 381, 390, 390, 396-397 e 399.
- Monteiro {Dr. Manuel}: 44-45, 118, 130, 132, 303,
305-307, 310 e 317.
- Montemór {Nuno de}: 137 e 149-150.
- Moreira {Franc. de Almeida}: 232-233.
- " {João Bapt. de Matos}: 200.
- Morna {Alvaro}, oficial de marinha: 70.
- Mota {Gen. Amílcar}: 186.
- " {Ant. da Costa}, Zolurinho: 79, 116, 117,
118, 121, 122-123, 130, 131, 132, 327, 347,
360, 368-369 e 381.
- " {Dr. José Gomes}, Prof.º: 268.
- Moura {Dr. Elísio de}: 249-250.
- Namorado {Alírio de Sousa}: 55-62.
- " {Dr. Joaquim}: 224.
- Nauphuia {Bispo de} em 1947: 188-187.
- Nazare {Candido}: 130.
- Oliveira {Dr. Alberto Sr.}: 296, 300, 302-303
e 316-317.
- " {Eduardo da Cunha}: 196-197, 253-
254, 352-355.
- " {Sarg. José Simões de}: Vide Simões
- Ortipão {J. D. Parnalho}: 178-179 e 224.
- Pacheco {Dr. Carneiro}: 114-115.
- Pagnol {Marcel}: 323 e 324.
- Pais {Amauído da S.ª}: 9.
- Passos {Alv. da Silva}: 330-331 e 353-354.

- Pedro {Manuel} de Jesus : 130. Pei : 19, 20,
Pegado {Cesar de Sousa} : 272. Peixoto : 181, 182.
Pereira {Nun' alvares} : 55-56, 163-164 e 228-29.
Peres {Dr. Darnião} : 297, 367 e 368. Pereira {Dr. M.ª} : 206
Pessanha {D. Sebastião} : 380.
Pimenta {Jose' Augusto} : 9. Pimenta {Rafael} : 9 e 217.
 " {D. M.ª Susana} : 216.
Pina {Dr. Luis de} : 71. Pinto {Alvaro} : 152 e 286-288.
Pinheiro {Dr. Fernando} : 183-184. Pires {Eurico Sampaio Saterio} : 167-171.
 " {Dr. Jose' Cupertino de Oliv.ª} : 232-234.
Ponte {Dr. Jose' Nunes da} : 200. Portela {Car.ª Lelo} : 100 e 327.
Queiroz {J. M.ª de Eça de} : 260, 267 e 268. Queiroz {Franc.ª Teixeira de} : 336-338.
Quental {Antero do} : 12. Quintela {Dr. Paulo} : 325.
Rajoso {Hilipolito} : 64-65. Rebocho {Brigad.} : 170-171.
Redol {Alves} : 374. Reis {Luis da Camara} : 6, 32, 155-157 e 178.
Ribeiro {Aguiar} : 266-270. Ribeiro {Helder} : 141-143.
 " {Luis da Silva} : 139-140 e 313. Ribeiro {Dr. Teixeira} : 325.
Rocha {Eugeni.ª Vieira da} : 328 e 347.

Rodrigues (Agapito Pedrosa): 40-41

" (Ant.º das Neves): 92, 98 e 103-105.

" (Luis da Costa): 79, 117-119,

128-132, 171, 174, 190, 223-226, 235-236,

238-239, 294-295, 346-350, 383, 388.

" (José Julio): 383-388.

Romaino (Jules): 321-323.

Rogee (Gil): encadernador: 92, 103-105.

Sé (Octaviano do Carmo e): 29, 116-119,

177, 258-59 e 398.

" (Pedro de Moura e): 192 e 224.

Sacadura (Capitão), de Antellº: 107 e 108.

Saint-Bardoux: 170.

Salazar (Ant.º de Oliveira): 56, 86-90, 91-92,

99, 100, 157-158, 184, 187, 196-197, 231,

242, 243-244, 319, 324-325, 326-327.

Salgado (Augusto Bivar X.º de Azevedo):

45-47, 342 e 378-379.

Sampaio (Luis), general: 252-255.

Santos (Balisto Mendes dos): 50

" (Carlos M.º Pereira dos): 30-31.

" (Luciano Marques dos): 92

" (Luis dos Reis): 180-181.

" (ds. Reinaldo dos): 130, 273, 277-280,

294, 317, 361, 370-371, 380-381, 383, 388.

São Boaventura (Sr. Fortunato de): 125.

Saraiva (ds. Alberto de Rocha): 196-197.

Sardinha (Antônio), escritor: 48.

" ("), editor: 42, 106, 199-200

- Sarmento {Franc. Martes}: 250-251
Saúde {Ant.º}, pintor: 329.
Seco {Zilvrio}, contabilista: 92, 103-105.
Sêneca: 256
Sergio {Antônio}: 374.
Silva {Albino Caetano de}: 45, 138 e 178.
 " {Alfredo Neil Garu.º da}: 292-293.
 " {Ant. Fleuryes da}: 108-110.
 " {Armando}: Prof.º: 102
 " {Ezequiel da}: 335-336.
 " {Fernando da}: 340, 340.
 " {Licínio da}: {335-336 e 340 e 256}.
 " {João da}, escultor: 276-277, 288-289 e
 294-295.
 " {Joap.º Passidonio Narciso da}: 173.
Simões {Albento da Veiga}: 64-65.
 " {João Gaspar}: 130, 179 e 224.
 " de Oliveira {José}: 391-396.
Soares {Teodoro}: 177.
 " {Gen.º Freitas}: 69.
 " { " Nogueira}: 81, 108-110, 214-
 215 e 219.
Somério {Carlos}: 106-107.
Soriano {Simão José da Luz}: 170.
Sousa {Aribal Passos e}: 40 e 327
 " {Antônio de}, tipógrafo: 21.
 " { " Gomes de}, gen.º: 394.
 " {Almirante Botelho de}: 333, 354 e 370
Suarez {Dr. Francisco}: 291.

- Caixaia {Antonio José}, car.^o: 270-272.
Teles {Basimiro de Sousa}: 158-159, 162-163.
 " {Sebastião}: 123-124, 136, 149, 158-160,
 162-166, 195, 204, 216-217, 229-230,
 244-247 e 399.
Teresina {Duque da}: 170.
Torgo {Miguel}: 253.
Trigoso {Falcão}, pintor: 329.
Truman, Presid.^{te} dos E. U. A.: 75.
Urbano {Aziel Dias}: 233-234.
Valente {dr. Vasco}: 130 e 348.
Vasconcelos {dr. José Leite de}: 16.
Vaz J.^o {Julia}, escultor: 249 e 280-282.
Veiga {Alberto Botelho da Costa}: 35-36, 164 e
 351.
 " {Antero da}: 52.
 " {M.^{te} Helena Baeta da}: 265-266.
Veloso {dr. José M.^{te} de Siqueira}: 364 e 370.
Ventura {Benjamin}: 130.
 " {dr. Carlos Simões}: 325.
Viana {Antonio}: 193, 232-234 e 367.
Vicente {Balchier}: 6.
 " {Gil}: 6.
Vieira {off.^o Lopes}: 68.
 " {João Fernandes}: 75-76.
Viterino {dr. Pedro}: 42.
Voltaire: 374.
Xavier {Alberto}: 248.
Zola {Emilio}: 374.

- de Coimbra : 115-121, 221, 237, 294,
299 e 316.
- Atoleros [Encontro dos] : 377.
- Banco da "Divina Providencia" : 188-189.
- Barca de Alva : 377.
- Barreiro [O], jornal : 9.
- Beirolas [Fabrica de munições seu] : 343.
- Biblioteca Municipal do Porto : 297.
- Boletim da Biblioteca da Univ. de Coimbra : 8 e 371-372.
- " do Arquivo Hist. Militar : 171.
- " do Instituto Historico da Ilha Terceira
: 139-140.
- Brasil : lutas dos holandeses (1630-1636) : 8.
- Brasilia : 8.
- Bugio [Varre do] : 78.
- Cacadores [Os] Portugueses no Exercito de D. Miguel : 167-171.
- Caldelas : 251.
- Câmara Municipal de Coimbra : 201.
- Cavaleiros e as "artes belicas" : 6, 342-343.
- Campesinha [A] de 1801 : 371
- Cantanhede : 79 e 81.
- Capitularidade [Fenomeno da] : 59.
- Casa de Ant. Augusto Goncalves : 129 e 226.
- " " Coimbra seu Ex. : 131, 166, 174, 187-
188, 191 e 201.
- " " Coimbra no Porto : 357.
- " do Povo seu Mafra : 259-261.

- Castelo [O] de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral, conferencia: 20-22 e 27.
- Cataratas (As meinhãs): 163 e 183-184.
- Cerâmica popular, Sobreselo: 260-261.
- Coimbra: aula de ferro forjado: 166-167.
- " : a "Brissa": 384.
- " (O castelo de): conferencia: 7, 19-20, 20-22 e 27.
- " : Jardim Botânico: 238.
- " : Museu Machado de Castro: 16-18, 52, 117, 128-132, 180, 223 e 361.
- " : Paróquia dos Bejeirões: 307-310.
- " : S. Blasco e Velha: 157-158, 160-162.
- " : Torre de Almedina: 226, 374, 387 e 398.
- " : Travesas do Rego de Agua: 59 e 60.
- " : Trolley-bus: 309.
- " : Universidade: seu espírito: 140, 227, 311, 324-325.
- " : Ideu... : cumprimentos ao Salazar: 324-325, 325-326 e 326.
- " : Ideu... : Faculdade de Ciências: 365-366.
- " : Ideu... : o Zarrado: 227 e 316.
- Comarca de Arganil: jornal: 23.
- Companhia de Jesus: 87, 91, 95 e 242.
- Comunismo: 377-378.
- Congresso Beirão (1948): 348, 359, 364 e 370.

- Congresso da História da Actividade Científica dos portugueses : 217.
- " da História Medieval : 163-164.
- " Mariano na vila de Mafra, em 1946 : 144-146, 147-148.
- Conhecimentos (os) militares como ciência social : 282-286.
- Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscricão : 232-234.
- Crítica Literária : 248.
- Curiosidades de Guimarães, de A. Vieira Braga : 202-203.
- Dama (a) das Camelias, de A. Dumas : 67.
- De Estremoz a Aljubarrota, de A. da Costa Uzeira : 164.
- Democracia : 100, 101-102.
- Despertar (o) : jornal : 19-21, 24, 210, 212-213, 218, 258, 291, 324, 372, 389 e 398.
- Diário de Coimbra : 20.
- " " Notícias : 32, 210, 252 e 335.
- Ditaduras : 99.
- Éca de Susceiros : Alguns aspectos militares na sua obra : 41, 44, 46, 47, 70, 80, 107-110 e 111.
- Eleições de 1945 : 87-97, 98, 100 e 101-105.
- Emissora Nacional : 192, 224, 301 e 321.
- Enciclopédia (Grande) Portuguesa e Brasileira : 112-113 e 172.
- Ensino Técnico : 381-382.

- Escola Central de Officiais, em 1914 : 344
 " das Belas-Artes, Porto : 359.
 " do Exército : 69.
 " Industrial Brotado, Coimbra : 300-301, 328, 349 e 382.
 " Industrial de Antonio Arrais : em Lisboa : 381-382.
 " Industrial de Antonio Augusto Gonçalves, em Lisboa e Estremoz : 301 e 381-382.
 " Livro das Artes do Desenho : 116-119, 129-130, 177, 198-199, 226, 235, 258-259, 372, 374-375, 377, 382, 389 e 398.
 " Pratica de Infantaria, Mafra : 216.
 " Tecnica Elementar de Marcos Pires, em Coimbra : 382.
Espada [A Cruz e a] : 69-70.
Espanha [Amizade a] : 252-253.
Estado-maior [Corpo do] : 30-31, 82-86, 229.
Estatuaria Lapidar : 278-280.
Exame [O meu] p.^o o Generalato : 6 e 222.
Exército [O] em 1848 : 289-290, 297-299.
 " " " 1849 : 262-263.
 " " portuguezes perante o ministro Salazar : 326-327.
Fátima [A Senhora de] : 230.
Feitoria do Colegio Militar : 73 e 77-78.
Ferros [Os] forjados de Coimbra e seu valor artistico : 221.

- Filosofia positiva: 245
Fim de semana: 184
Franciscana (Ordem) em Portugal: 188-189.
Fronteira, vila: 58.
Gazeta de Coimbra: 20, 27, 212, 247, 285, 391 e
 398.
Generalato Português: 81-82.
Gloria em sangue, romance de Alvaro de
 Almeida: 149-150
Gois: 265-270.
Grupo Recreativo Mirandense: 23.
Guararapes (Batalha dos), conferencia: 204,
 209-213, 214-215 e 217.
Guarda Nacional Republicana: 164.
 " Real dos Arqueiros: 226 e 228.
Guerra Peninsular: 7.
Guia de Portugal, vol. III: 75.
Guimarães: 251.
Historia da Filosofia em Portugal: 159.
 " Militar: 48, 54, 142-143, 151, 215 e 377.
Ideias (As) Militares do marechal Saldanha:
 vide Saldanha.
Igreja catolica: 327.
 " do S.º Castanheira, Lx.º: 345.
Inaculada Curacica [3.ª centenario da]:
 144-146 e 155.
Infrassa, generalis.º: 19-20, 20, 38 e 240-41.
In memoriam do dr. Claudio Basto: 211.
 " " de Sebastião Teles: 399.

- Infantaria n.º 6 (Regim.º de): 216.
Inusolitas atitudes críticas, de Alberto Xavier: 248.
Institut (L') de France: 65.
Instituto (O) de Coimbra: 1-5, 8, 34-35, 48, 70-71, 76-77, 77, 78-79, 107, 113, 223, 229-230, 235 e 386.
 " (O) de Coimbra e a sua direcção na Biblioteca: 35 e 36.
 " de Estudos Brasileiros na Facult. de Letras: 204, 210, 211-213 e 214-215.
 " Historico da Ilha Terceira: 139-140.
 " para a Alta Cultura: 201 e 349.
Introdução ao estudo dos conhecimentos militares: 136, 149, 159, 229 e 245.
Jardim das Tarmantas, de Aguilino: 269.
João de Ruão, de Chaves Alen.º: 67.
Junta de Educação Nacional: 318.
Lelo (Livreria) em Lx.º: 342-343.
Libertação da Europa, de Pires Monteiro e coman.º. Aprá: 37-38.
Lições de Estratégia, de Tasso Cabral: 216.
Linhas de Lisboa em 1833: 169.
Lisboa: aspectos: 182-183 e 241.
 " Maurisca, de Aug.º Corimino: 255-256.
Laureas (Acção de) em 1833: 170.
Lusíadas (Os): edição p.º soldados: 286-288.
Lusitania, revista: 278.
Mafra: 72.

- Mafra : as eleições de 1945 : 96-97.
- Memorial de Matias de Albuquerque : 8
- Memórias : 80.
- Miranda do Corvo : 23, 102 e 133.
- " " " : as eleições de 1945 : 102
- " " " : a me.^a monografia : 202-204.
- Monarquicos : 185.
- Montijo : centenário da batalha : 1-3, 7-9, 10-13, 13-14, 27 e 47-48.
- Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.)
103-105, 152-153 e 243.
- Museu da Casa do Povo, em Mafra : 259-260
- " de Arte Antiga : 273, 301 e 347.
- Museologia : 192-193.
- Nazismo : 327.
- Notícia de alguns processos... — 170-171
- Notulas Militares, no Tripeiro : 199-200.
- Oarias de Miranda do Corvo : 203.
- Ordem militar de Santiago : 343-344.
- Organizações das Nações Unidas : 152.
- " do Estado-maior, de Sebastião Teles : 216.
- Orquestra sinfónica de Madrid : 341.
- Papinas guardadas : 6 e 29.
- Paisagem, impressões : 66-67.
- Papeis [os] do meu pai : 170.
- Paralisação da digestão, em 1947 : 206.
- Paródia [A] : 217.

- Paz (Luzar da): 146, 241, 253 e 363.
- Pauzuel: 377.
- Pereira (O túmulo de D. Gonçalo): 44.
- Pernes (Combate de): 1834: 170.
- Pontos nos ci — 217.
- Porto: cidade liberal: 71, 78-79, 107, 111, 223.
- Prémio Alexandre Augusto Osorio: 282-286, 307-309, 311-313, 329, 330-331, 332, 333 e 352-355.
- Primeiro (O) de Janeiro: 7, 49, 69, 75-76, 112 e 327.
- Proclamação da República: 257.
- Quarteto Hungaro: 323 e 328.
- Queiros (Centenario de Eça de): 33-35, 41, 70, 107-110 e 111-112.
- Quem e' quem em Portugal: 143-144.
- Questão academica de 1907: 137 e 139.
- Reacção ultramontana: 71, 73, 125-126, 144-146, 147-148, 155, 188-189, 230 e 362-365.
- Republica Italiana: 126.
- " Portuguesa: 32-33, 153-154, 154 e 257.
- Restauração (Campanhas de): 142-143.
- Revista de Guimarães: 345 e 376.
- " do Exército e da Armada: 228.
- " Militar: 2-5, 11-13, 27, 34-35, 36, 48, 49, 123, 127, 149-150, 158-160, 184, 195, 216-217, 220, 282-283, 297-299, 311-313, 333-334, 344-345, 355-357, 389-390, 396-397 e 399.

- Revista Militar: o centenário: 262-263, 289-290, 297-299, 334, 351-352 e 356-357
- " Militar: denuncia do acordo de 1905: 204-206, 207, 208, 220, 240, 330, 333-334, 352 e 355.
- " Militar: o distintivo: 319-321.
- Revolta dos Marechais em 1837: 183.
- Revolução de 1848: 263 e 298.
- Revue [La] d'Infanterie: 216.
- Sala Brasil da Faculd. de Letras: 209 e 211-213.
- Saldanha (O Marechal): monografia: 126, 127, 167-171, 183, 199-200, 218, 253-254, 300-305.
- São Julião da Barra: 78.
- Serra Nova: 6, 29, 32, 35, 156-157 e 201.
- Século XIX: 168-169.
- Seuado Universitário: 296-297, 300, 348, e 365-366.
- Sistema (O) de D. Manuel: 163-164.
- Situação política desde 28 de Maio: 111, 112, 125-126, 134, 197-198, 231-232, 241-242, 243-244, 292-293 e 377-378.
- Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra: 27, 64, 116, 172, 173, 174, 177, 372, 374-375 e 398.
- " de Geografia: 245-246 e 351.
- " Nacional das Belas-Artes: 201 e 329.
- Subsídios p.^a a História dos Regimentos e ... Batalhões: 219.

- Supremo Tribunal Administrativo : 101.
Terra Portuguesa : revista : 380.
Timor : ocupação japonesa : 86.
Terras Vedras : combate de 1846 : 127.
Torturadas, de Carlos Zomlerio : 106-107.
Torim : 120 e 121.
Trabalhismo : vitória em 1945, na Suplata-
 ra : 72-73, 73 e 74.
Tripeiro (O), revista : 42, 53, 106 e 199-200.
Um século de literatura militar : 262.
Valverde : combate, 1385 : 228-229.
Vertice, revista : 224.
Via Sinuosa, de Aquilino Ribeiro : 266 e 268.
Wagner (música de) : 384-387.



